



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

AVALIAÇÃO DO APRENDIZADO EM EDUCAÇÃO PARA SEXUALIDADE ENTRE
ADOLESCENTES DO OITAVO ANO NUMA ESCOLA PERIFÉRICA DO
MUNICÍPIO DE RIO BRANCO – ACRE.

SAMIA RAQUEL DA SILVA VIANA

RIO BRANCO - AC

2019

SAMIA RAQUEL DA SILVA VIANA

**AVALIAÇÃO DO APRENDIZADO EM EDUCAÇÃO PARA SEXUALIDADE ENTRE
ADOLESCENTES DO OITAVO ANO NUMA ESCOLA PERIFÉRICA DO
MUNICÍPIO DE RIO BRANCO – ACRE.**

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Acre, como parte das exigências do Curso de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, área de concentração Ensino de Ciências e Matemática, para a obtenção do título de Mestre.

**Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Francisca Estela
Lima de Freitas**

RIO BRANCO – AC

2019

SAMIA RAQUEL DA SILVA VIANA

**AVALIAÇÃO DO APRENDIZADO EM EDUCAÇÃO PARA SEXUALIDADE ENTRE
ADOLESCENTES DO OITAVO ANO NUMA ESCOLA PERIFÉRICA DO
MUNICÍPIO DE RIO BRANCO – ACRE.**

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Acre, como parte das exigências do Curso de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, área de concentração Ensino de Ciências e Matemática, para a obtenção do título de Mestre.

Aprovado (a) em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dra. Francisca Estela Lima Freitas
Universidade Federal do Acre
Orientadora

Prof. Dra. Aline Andréia Nicolli
Universidade Federal do Acre
Membro Interno

Prof. Dr. Milton dos Santos Freitas
Universidade Federal do Acre
Membro Externo

Prof. Dr. André Ghidini
Universidade Federal do Acre
Suplente

**Dedico este trabalho este trabalho à minha pequena família, em especial à minha mãe
Rosa Viana, minha maior inspiradora da vida.**

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço ao Criador e ao Universo, por ter me possibilitado mais uma oportunidade de crescimento profissional e pessoal em minha vida. Os dias tortuosos passaram mas deixaram ensinamentos incríveis dos quais jamais abriria mão.

À Universidade Federal do Acre – UFAC e ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática – MPECIM, pela oportunidade concedida para realização deste mestrado. Ao corpo docente do MPECIM, pela dedicação em ensinamentos construídos que foram fundamentais para chegar até aqui, seus ensinamentos servirão não somente para este fim, mas estejam certos que contribuirão para minha formação e crescimento profissional. Aos colegas de turma que foram companheiros imprescindíveis para a continuidade deste desafio, me apoiei na dificuldade pessoal de cada um de vocês e as utilizei como inspiração para seguir, vocês conseguiram e me ajudaram a seguir, parabéns amigos Mestres. Agradeço imensuravelmente à Profa. Francisca Estela, minha orientadora, por toda dedicação e paciência ao longo dessa jornada, foi admirável a sua insistência em acreditar em mim quando nem eu o fazia. Ao Professor Milton por todo apoio e em especial com a colaboração na correção dos resultados. À professora Aline Andréia Nicolli, pela doação de uma obra sua que foi uma das boas referências desse trabalho, aproveito para expressar a minha total admiração à docente que és. Ao professor Gilberto, coordenador do MPECIM, pela compreensão e oportunidades de dar continuidade à pesquisa. À equipe gestora da Escola Serafim da Silva Salgado por me receber e abrir suas portas ao meu trabalho.

À Vanuza que cuidava da minha casa e de mim e que me ofertou amor além do seu trabalho eficiente. Ao meu terapeuta Jonsos, por todo seu profissionalismo e sensibilidade em relação ao meu processo terapêutico, ao Marcos, médico que tornou possível o caminhar acadêmico mesmo diante do sofrimento psíquico.

Ao querido Salatiel Clemente que foi determinante com a parte estatística do trabalho, à amiga Samia Kelle que me ajudou com a revisão da revisão, sua paciência e conselhos acrescentaram e muito na escrita e organização do texto. Aos amigos pelo apoio dispensado, compreensão com a ausência e com meus dias mais rabugentos, em especial à irmã que a vida me trouxe, Iunaira, que muitas vezes ouviu os meus piores lamentos, ainda que fosse por telefone. Agradeço à minha ancestralidade, graças às suas histórias, suas dores, mas também aos vossos êxitos e persistência eu pude usufruir de tantas oportunidades e privilégios. Espero seguir com a missão de ser melhor e fazer o melhor por àqueles que virão depois da minha geração. Aos colegas de trabalho e em especial à Clícia e Ivanita pelas palavras carinhosas e

incentivadoras sempre. Aos alunos que se dispuseram a me ouvir e se envolveram em cada encontro, esse trabalho é para vocês e por vocês. Gratidão à Geny, que acompanhou o final dessa jornada, mas nunca dispensou esforços para fazer os dias mais alegres, e juntamente com a Suely ajudou a melhorar minha vida profissional em 2018 e assim me colocar mais perto da conclusão deste trabalho. À minha irmã Sílvia Renata, que foi quem sempre esteve ao meu lado nos nossos dias mais difíceis, você me fez tia e exemplo para o Gabriel que agora cursa enfermagem e para as minhas adolescentes Sarah e Ester, amo vocês! Ao meu ex padraсто, João Batista, a quem considero um pai, nós seguiremos aprendendo juntos todos os dias. À minha mãe, Rosa Viana, fonte inspiradora da minha vida, você aqui faria toda a diferença, amo-te para além e infinito.

A sexualidade é um assunto natural e é vivenciada pelo ser humano.

LEÃO, 2009.

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1: Prevalência das respostas relativas ao conceito de sexualidade no pré- teste aplicado aos alunos do oitavo ano da Escola Serafim da Silva Salgado, 2018 48
- Tabela 2: Opinião dos alunos da Escola Serafim da Silva Salgado sobre sexualidade na fase de pré-teste 50
- Tabela 3: Respostas dos alunos do oitavo ano da Escola Serafim da Silva Salgado sobre aspectos biológicos da sexualidade na fase de pré-teste e média de acertos no pré e pós teste 51
- Tabela 4: Respostas dos alunos do oitavo ano da Escola Serafim da Silva Salgado sobre as IST's e gravidez, na fase de pré-teste, 2018 52
- Tabela 5: Resultados obtidos no pré e no pós-teste sobre sexualidade entre alunos do oitavo ano da Escola Serafim da Silva Salgado, 2018 57
- Tabela 6: Manifestação dos alunos do oitavo ano da Escola Serafim da Silva Salgado quanto à Educação para a Sexualidade desenvolvida na Escola, 2018 59
- Tabela:7: Respostas dos alunos sobre a vivência das experiências sobre educar para sexualidade, definindo com suas palavras o que entendem por sexualidade 61

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Frequência do maior grau de prioridade dada pelos alunos da Escola Serafim da Silva Salgado na busca de esclarecimento de suas dúvidas sobre sexualidade 53

Figura 2: Frequência do menor grau de prioridade dada pelos alunos da Escola Serafim da Silva Salgado na busca de esclarecimento de suas dúvidas sobre sexualidade 56

Figura 3: Respostas dos alunos sobre o conhecimento curricular do aparelho reprodutor masculino, na fase pré-teste e pós – teste, 2018 60

Figura 4: Respostas dos alunos sobre o conhecimento curricular do aparelho reprodutor feminino na fase de pré-teste e pós-teste, 2018 60

RESUMO

Introdução: A sexualidade está em nossas vidas desde o dia em que nascemos e nos acompanha até a nossa morte. Somos educados por meio de concepções construídas culturalmente que são reproduzidas em espaços sociais como na igreja, na família, na escola, entre outros que influenciam o indivíduo enquanto ser em constante formação. **Objetivo:** Avaliar o nível de conhecimento por parte dos adolescentes, do 8^o ano do ensino fundamental, matriculados na Escola Estadual de Ensino Fundamental Serafim da Silva Salgado, no município de Rio Branco - AC, a respeito do tema sexualidade. **Método:** A seleção da amostra dos alunos do 8^o ano para participar do estudo seguiu alguns critérios, como por exemplo: a participação voluntária, estar frequentando as aulas e disponibilidade para participar das oficinas. No primeiro momento, no qual foram realizados os convites, foram estabelecidos os dias e horários, no intuito de não haver coincidência com as aulas ou outras atividades escolares. Foram realizadas cinco oficinas, sendo que na primeira foi realizado um pré-teste por meio de um questionário padronizado, para saber o nível de conhecimento do tema abordado por parte dos alunos. Semanalmente e em dias pré-estabelecidos, em acordo com os alunos, foram realizadas oficinas para fixação dos conteúdos, e no final foi aplicado mesmo questionário na modalidade de pós-teste. Os dados foram analisados pelo teste de t de *student* para amostras dependentes (teste pareado), como também foram elaboradas tabelas de frequências para observar a porcentagem das respostas. Antes das oficinas notou-se que o aprendizado dos alunos se mostrou deficiente em muitos conceitos abordados. Houve diferença significativa na média de acertos ($t = -5,59$, $p < 0,05$), entre as perguntas realizadas (média de acertos no pré-teste: 3,74 e média de acertos no pós-teste: 7,63). **Conclusão:** A educação para sexualidade nas escolas ainda vem sendo mais ligada a genitalidade, ao que é erótico, ao biológico, fisiológico, a relações sexuais e ao que a isso implica. Abordagem esta que provoca uma conclusão limitada por parte dos alunos e não permite o autoconhecimento e sensibilização para atitudes que levem a práticas conscientes de prevenção. Neste estudo isto é evidenciado pela opinião dos alunos sobre o conceito de sexualidade, quando mais de 84% do grupo acredita que sexualidade é sinônimo de relação sexual no pré-teste. Depois da participação nas oficinas, já na fase de pós teste e em pergunta aberta, os alunos foram capazes de relacionar a sexualidade com o prazer e admitindo sua existência em todas as fases da vida. Os acertos sobre anatomia dos aparelhos reprodutores evoluíram de 18% no pré-teste para além dos 80% no pós teste.

Palavras-chave: Adolescentes. Sexualidade. Educação sexual. Escola.

ABSTRACT

Introduction: Sexuality is in our lives from the day we are born and accompanies us to our death. We are educated through culturally constructed conceptions that are reproduced in social spaces such as a church, family, school, among others that influence the individual while being in constant formation. **Objective:** To evaluate the level of knowledge on the part of adolescents, 8th-grade of elementary school, enrolled in the State School of Primary Education Serafim da Silva Salgado, in the municipality of Rio Branco - AC, regarding the theme sexuality. **Method:** The selection of the sample of the 8th-grade students to participate in the study followed certain criteria, such as voluntary participation, attending classes and willingness to attend workshops. At the first moment the calls were made, the days and times were already established. That way not to coincide with classes or other school activities. Five workshops were carried out, and in the first one, a pre-test was carried out by means of a standardized questionnaire, to know the level of knowledge of the subject addressed by the students. On a weekly basis and on pre-established days, in agreement with the students, workshops were held to fix the contents, and in the end, it was applied questionnaire in the post-test modality. Data were analyzed by Student's t-test for dependent samples (paired test), as well as frequency tables, were elaborated to observe the percentage of responses. Before the workshops it was observed that the students' learning showed a deficiency in many concepts, there was a significant difference in the average of correct answers ($t = -5.59$, $p < 0.05$), among the questions asked pre-test: 3.74 (mean) and post-test: 7.63 (mean). **Conclusion:** Education for sexuality in schools is still more linked to genitality, to what is erotic, to biological, to physiological, to sexual relations and what it implies. This approach leads to a limited conclusion on the part of the students and does not allow self-knowledge and awareness for attitudes that lead to conscious prevention practices. In this study, this is evidenced by the students' opinion about the concept of sexuality, when more than 84% of the group believes that sexuality is synonymous with sexual intercourse in the pre-test. After the participation in the workshops, in the post-test phase and in the open question the students were able to relate sexuality to pleasure and to admit its existence in all phases of life. Correlations on the anatomy of reproductive systems evolved from 18% in the pre-test to 80% in the post-test.

Keywords: Teen. Sexuality. Sex education. School.

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I – SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE: ALGUMAS QUESTÕES METODOLÓGICAS.	17
1.1 SEXUALIDADE	17
1.2 PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS E A BASE CURRICULAR NACIONAL.	20
1.3 EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE NO COTIDIANO ESCOLAR	25
1.4 ENSINAR SEXUALIDADE: O QUE PODEMOS ESPERAR DOS PROFESSORES EM SALA DE AULA?	28
1.5 PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE SEXUAL	31
1.6 OBJETIVOS	33
1.6.1 Objetivo geral	33
1.6.2 Objetivos específicos	34
CAPÍTULO II – MÉTODO – TRAJETÓRIA DE PESQUISA	35
2.1 CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA	35
2.2 O LOCAL E OS SUJEITOS DA PESQUISA	35
2.3 AUTORIZAÇÃO PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA	35
2.4 CONFECCÃO DOS QUESTIONÁRIOS DE AVALIAÇÃO	36
2.5 MÉTODO	36
2.5.1 Oficinas de educação para sexualidade	37
2.5.2 Aplicação do teste pós oficinas	47
CAPÍTULO III – RESULTADOS E DISCUSSÃO.	48
3.1 PROPOSTAS PARA A EDUCAÇÃO SEXUAL	63
3.2 O PRODUTO	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS	78
ANEXO I	84
ANEXO II	85
ANEXO III	86
ANEXO IV	89
APÊNDICE	93

INTRODUÇÃO

Os trabalhos de Freud no início do século XX são um ponto de partida para o estudo científico da sexualidade humana. É o começo de um caminho teórico e científico na busca da compreensão da sexualidade humana. A constatação de Freud sobre a existência da sexualidade infantil é uma contribuição importante, o mesmo alerta para a necessidade de considerarmos a sexualidade enquanto componente presente na infância, afirmando que é a ênfase dada à sexualidade enquanto fator presente apenas na puberdade, um dos principais aspectos responsáveis pela ignorância do homem sobre as suas condições básicas de vida sexual: “...boa parte dos desvios da vida sexual normal posteriormente observados (...) é estabelecida desde o começo, pelas impressões do período infantil, supostamente desprovido de sexualidade” (FREUD, 1990).

Em entrevista ao site BBC Brasil 2015, Maria Helena Vilela, educadora sexual e diretora do Instituto Kaplan afirma que a educação sexual não é apenas para prevenir gravidez ou Infecções Sexualmente Transmissíveis – IST’s, mas também para ajudar o jovem a absorver o conteúdo escolar. Segundo Vilela, a educação sexual diz respeito à relação do jovem com ele mesmo, algo muito importante durante a puberdade, quando cada dúvida faz ele se desconcentrar do que está se ensinando.

Uma garota na dúvida se está ou não grávida ou se vai menstruar, um garoto pensando em detalhes sobre a primeira relação sexual... eles não vão se preocupar com a matéria que o professor está dando. Qual a importância da aula de Matemática ou de Física perto das suas dúvidas? Nenhuma. Por isso que a angústia sexual mina o aprendizado. (VILELA, 2015).

Dados de 2017 do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA mostraram que uma em cada cinco crianças no Brasil é filha de mãe adolescente, sendo que 58% dessas adolescentes não estudavam quando engravidaram.

Nesse contexto, a escola deve ser entendida como um espaço de relações, um espaço privilegiado para o desenvolvimento crítico e político, contribuindo na construção de valores pessoais, crenças, conceitos e maneiras de conhecer o mundo e interfere diretamente na produção social de saúde.

Se a escola é esse espaço de informação que mais alcança jovens, nos questionamos: como o adolescente percebe sua sexualidade e como a manifesta em seu discurso em relação a diversos aspectos da vida? Qual a influência da Educação Sexual oferecida nas escolas para a

vivência da sexualidade adolescente? A quem os jovens recorrem quando têm dúvidas com relação à sexo e sexualidade? O que esperar do docente em sala de aula? Tais questões nortearam essa pesquisa e estão direta ou indiretamente presentes nos instrumentos de coleta de informações respondidos pelos sujeitos pesquisados.

Falando agora sobre a motivação de trabalhar com esse tema tão abrangente e complexo, o desejo surgiu quando comecei a trabalhar no Programa Saúde na Escola – PSE, que no caso do Estado do Acre, foi criado inicialmente pela Secretaria de Estado de Educação com apoio da Secretaria de Estado de Saúde, no ano de 1999. No contexto federal o PSE foi instituído pelo Ministério da Saúde, pelo Decreto Presidencial nº 6.286, de 05 de dezembro de 2007.

Em 2015, iniciei no PSE – Acre, como professora da Rede Estadual de ensino, como o programa buscava profissionais que tivessem qualificação em cursos da área de saúde e além da Licenciatura em Química também havia concluído enfermagem, tinha o perfil que o programa buscava para o desenvolvimento das atividades.

No programa percebi que o trabalho era desenvolvido no âmbito da educação e da saúde, com a realização de atribuições privativas da enfermagem bem como atividades de educação em saúde.

O Programa Saúde na Escola do Estado do Acre, da maneira como está estruturado atualmente não está totalmente em consonância com o Decreto Presidencial nº 6.286. Este realiza um trabalho de oferta direta de serviços de saúde e de educação em saúde pelos profissionais de ambas as áreas à população escolar durante o ano letivo. Porém o estímulo à intersetorialidade, que é base do programa nacional, não acontece de maneira efetiva, uma vez que os setores responsáveis não dialogam no planejamento e execução das ações de forma coletiva.

No decorrer dos quatro anos inserida no PSE-Acre, foi possível perceber que quando solicitadas ações de educação em saúde em que os temas eram mais complexos como o uso de drogas, sexualidade e gravidez na adolescência, a equipe direcionava as ações sobre drogas ao Programa Educacional de Resistência às Drogas - PROERD, desenvolvido nas escolas de ensino fundamental pela Polícia Militar do Acre, e as relacionadas com sexualidade eram evitadas pelos colegas e inclusive questionadas o porquê da escola não trabalhar o tema nas aulas de ciências quando os alunos estivessem estudando o corpo humano.

Quando desenvolvíamos ações sobre prevenção de IST's e gravidez na adolescência era notório o desconforto da equipe diante da euforia característica dos alunos perante aos temas. Diante de todo o contexto pude refletir que se os colegas professores não sentiam

conforto de falar sobre temas que reduziriam a vulnerabilidade e riscos à saúde dos adolescentes, os colegas da área de saúde tampouco se sentiam aptos à tratar tais temas.

Mesmo tendo noção do quão grande seria o desafio, decidi realizar a pesquisa nessa área para de alguma maneira colaborar, enquanto professora e enfermeira, para uma análise inicial de quais os desafios deverão ser encarados para que haja compreensão de que uma ação intersetorial, uma parceria, existe na medida em que “ambas as partes envolvidas trabalham juntas para atingir um objetivo comum, resultando em benefícios para todos” (ROCHA; FERRARI; SOUZA, 2008).

A implementação da educação sexual nas escolas como proposta nesse trabalho visa proporcionar aos adolescentes as informações corretas para que possam fazer as escolhas certas na vida. Lamentavelmente alguns pais ainda acreditam que a implementação da educação sexual nas escolas promove, na verdade, o risco de sexo e é ineficaz. No entanto, com base em vários resultados de pesquisas, mostra-se que a educação sexual é eficaz, reduzindo a taxa de gravidez na adolescência, fornecendo informações corretas e também diminuindo o número de casos de HIV, AIDS e IST entre jovens, estimulando a sexualidade adolescente saudável.

O objetivo principal desse trabalho foi proporcionar aos educandos uma melhor compreensão sobre a sociedade em que vivem, para que assim possam tomar decisões de uma maneira mais bem informada e segura. Nesse processo as bases são as forças de cada um, no desenvolvimento da autonomia e de competências para o exercício pleno da cidadania e direitos dos adolescentes.

E para tanto se fez necessário a realização de pesquisa de cunho quali-quantitativa, para a obtenção de dados que nos aproxime da realidade de um determinado grupo de adolescentes provenientes de uma escola da rede estadual de ensino do Acre, localizada no município de Rio Branco, por meio da aplicação de questionário estruturado para a fase de pré-teste e semiestruturado na fase de pós-teste, com maior detalhamento da metodologia no segundo capítulo desse estudo.

A organização desta dissertação foi feita em três capítulos brevemente descritos a seguir: no primeiro capítulo apresentamos alguns conceitos sobre sexualidade e suas concepções, ressaltando que esta vai além de aspectos biológicos e considerando suas implicações históricas e culturais. Citamos legislações que embasam a oferta da Educação Sexual na educação básica e autores que enfatizam seu potencial transformador.

No segundo capítulo descrevemos a trajetória da pesquisa, desde a escolha do critério de seleção dos sujeitos, instrumentos de pesquisa, abordagem metodológica bem como os procedimentos de coleta, análise de dados e critérios utilizados.

O terceiro capítulo trata dos resultados e discussão dos dados obtidos através da comparação de algumas respostas do pré e pós teste e conta ainda com propostas para a educação sexual nas escolas. O capítulo traz ainda o nosso produto educacional que teve por base a experiência vivenciada no presente estudo.

Findamos com as considerações finais embasada em todo aparato teórico e metodológico utilizado no estudo para que este sirva de contribuição para novas pesquisas sobre educação para sexualidade em uma abordagem política emancipatória e combativa.

CAPÍTULO I – SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE: ALGUMAS QUESTÕES METODOLÓGICAS.

1.1 SEXUALIDADE

A sexualidade é inerente ao ser humano e se desenvolve com nuances diferentes para cada indivíduo, demonstrando que a cultura, o contexto e a história de vida das pessoas são fundamentais para compreender as diversas manifestações da sexualidade (BONFIM, 2012). A sexualidade compreende prazer, toque, amor, afetividade, sexo e carinho (FIGUEIRÓ, 2009) e envolve respeito, diversidade cultural e religiosa, valores e relações de gênero. É condicionada por fatores biológicos, culturais e sociais e está relacionada ao exercício da cidadania, incluindo o respeito a si próprio e aos outros. É um assunto complexo e de difícil conceituação (BEARZOTI, 1994).

Ela influencia pensamentos, sentimentos, ações e integrações, e, portanto, a saúde física e mental (WHO, 2006). A conduta sexual dos indivíduos e da população se tornou objeto de análise e de diferentes intervenções políticas governamentais, na medida em que diz respeito à saúde individual e coletiva, ao controle da natalidade, ao crescimento demográfico, à vitalidade das descendências e da espécie, tendo, portanto, configurando-se como um problema de saúde pública (SILVA, 2016).

Em 1997, na cidade de Valência (Espanha), durante o XIII Congresso Mundial de Sexologia, foi elaborada a Declaração Internacional dos Direitos Sexuais, que, dois anos depois, foi aprovada pela Assembleia Geral da Associação Mundial para a Saúde Sexual, realizada em Hong Kong. O documento afirma que o desenvolvimento integral de qualquer pessoa também depende da satisfação de necessidades ligadas à afetividade e à sexualidade. Em vista disso, defende o direito de todos vivenciarem a sexualidade de forma livre e responsável, sem violência, discriminação e imposições, podendo escolher o parceiro e tendo a obrigação de respeitar o corpo do outro.

VILELLA (1999), conceitua e afirma:

A ideia de sexualidade pressupõe, de imediato, um fenômeno humano. Diferentemente das demais espécies de animais sexuadas – que copulam para procriar – só a espécie tem “relações sexuais”: relações pessoais intermediadas pelo sexo, que atendem a múltiplas finalidades e sentidos, em função das circunstâncias temporais, históricas, inter e intrasubjetivas em que ocorrem. (VILELLA 1999, p.311).

O termo sexualidade, segundo Foucault (GIDDENS, 1995), surgiu pela primeira vez no século XIX, sendo que até essa altura era utilizado como termo técnico no campo da biologia e da zoologia. Se olharmos a evolução histórica do modo como a sexualidade foi entendida e vivenciada ao longo dos tempos, nota-se que houve povos que a entenderam como expressão livre do desejo humano, mas houve outros que a dividiram em tabus e preconceitos.

No período do Cristianismo, por exemplo, a sexualidade passou a ser encarada como algo nefasto, pecaminoso, que só adquiria sentido como forma de procriação. O relacionamento sexual era expressamente proibido numa diversidade de situações cotidianas, como, por exemplo, quando a mulher estava menstruada, até quarenta dias após o nascimento dos filhos, enquanto dava de amamentar durante a gravidez, entre outras (GREENBERG et al., 1992). A ação da Igreja teve, como sabemos, um papel preponderante durante toda a Idade Média no modo como se vivia a sexualidade, incentivando a castidade e o celibato, impondo estritas normas de conduta moral e social (COSTA 2003).

A sexualidade não é um conceito estático e imutável. Pelo contrário, sofre influências do tempo, do espaço e do movimento da sociedade; assim, podemos dizer que a concepção de sexualidade é histórica. Para uma compreensão mais ampla do significado da sexualidade, é útil considerar as várias significações a ela atribuíveis em um contexto institucional e educacional, tomando como ponto de referência os cinco paradigmas de entendimento da sexualidade identificados por NUNES (1996). Listados a seguir:

- A concepção médico-biologista, que vê a sexualidade como uma dimensão biológica e procriativa do ser humano e como uma força propulsora natural e instintiva da procriação. Implica considerar a natureza como fator determinante da condição humana.
- A concepção terapêutico-descompressiva, na qual a sexualidade é entendida como uma dimensão meramente subjetivista, psicologizante, individual e ligada a uma força natural, supostamente instintiva ou selvagem do corpo humano. Sua essência está centralizada no fato de ser vista unicamente como fonte de prazer e gratificação.
- A concepção normativo-institucional, que vê a sexualidade como um aspecto da vida humana ligado um conjunto de comportamentos socialmente permitidos, por um lado, e proibidos, por outro. Implica a necessidade de passar as normas reguladoras da sexualidade, que até então eram transmitidas pela família.

- A concepção consumista-quantitativa, que entende a sexualidade como uma energia da pessoa, passível de regulação e controle social, que, por sua vez, pode ser transformada em produtividade. Nela estão inseridas, por exemplo, as ideias da instigação ao sexo quantitativo, da alienação do afeto e do apelo de venda e *marketing*.
- A concepção dialética e política, que concebe a sexualidade como a dimensão mais ampla da condição humana, como uma construção pessoal e social, em que o ser humano é visto como participante ativo desse processo, uma vez que influencia na construção dos valores e normas sexuais e, ao mesmo tempo, é dialeticamente influenciado por eles. Implica o poder de a pessoa ser sujeito de sua própria sexualidade.

A Organização Mundial da Saúde (1996) apresenta a sexualidade como sendo:

Uma energia que nos motiva a procurar o amor, contato, ternura e intimidade; que se integra no modo como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados; é ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual, ela influencia também a nossa saúde física e mental (VAZ, 2003, p.18).

Assim como a inteligência, a sexualidade será construída a partir das possibilidades do sujeito e de sua interação com o meio e a cultura. Os adultos reagem, de uma forma ou de outra, aos primeiros movimentos exploratórios que a criança faz em seu corpo e aos jogos sexuais com outras crianças (FIGUEIRÓ, 2009). As crianças recebem então, desde muito cedo, uma qualificação ou “julgamento” do mundo adulto em que está imersa, permeado de valores e crenças que são atribuídos à sua busca de prazer, o que comporá a sua vida psíquica (BRASIL, 2000).

A sexualidade infantil é um processo natural e cultural desenvolvido desde as primeiras experiências afetivas do bebê com a mãe (FREUD 1997). O respeito à manifestação da sexualidade é um direito da criança (CRAIDY; KAERCHER, 2009). Cabe ao adulto assegurar esse direito, permitindo que ela vivencie e conheça as atividades sexuais próprias da idade. De acordo com Maistro (2009), é de fundamental importância criar um espaço para sanar dúvidas, tendo em vista a vergonha de crianças e adolescentes em perguntar aos pais ou professores, e até mesmo esses não darem abertura para o diálogo, fazendo com que os jovens busquem informações em fontes pouco seguras, sem orientação correta.

Na adolescência, as práticas sexuais se tornam o pólo mais visível do ser sexual que caracteriza o ser humano (BRACONNIER; MARCELLI; FERNANDES, 1998). É geralmente nessa fase que acontecem as primeiras experiências sexuais e amorosas, por regra pouco

duradouras, mas que levam, não raras vezes, à experimentação sexual. NODIN (2001, p. 33) refere que é ao longo da adolescência “(...) que o indivíduo faz a descoberta de si próprio e do outro enquanto objeto de desejo sexual”, ou seja, na medida que se vai ganhando maturidade física e psicológica, floresce o desejo, a vontade de explorar o corpo e a necessidade de se partilharem afetos, emoções e sentimentos, que até aí não eram possíveis.

Segundo Baptista, Batista e Dias (2001), nessa etapa do desenvolvimento as experiências e vínculos que se estabelecem em contextos sociais e grupos de referência, tais como a família e a escola, mostram-se significativamente importantes, uma vez que oferecem possibilidades para que os sujeitos se aprimorem intelectualmente, bem como desenvolvam habilidades de interação social a partir da relação com o outro e da percepção sobre si mesmo. De acordo com esses autores, outra potencialidade do período da adolescência se relaciona ao amadurecimento e ao reconhecimento que os sujeitos desenvolvem sobre a possibilidade de identificar diferentes alternativas e escolhas para a solução de problemas.

Dessa maneira, nos parece conveniente a realização desse tipo de trabalho no sentido de colaborar com a instituição escolar a desenvolver uma educação afetivo-sexual emancipatória e crítica que não se resume a informações anatômicas, biológicas e higienistas e que visem somente o controle de infecções sexualmente transmissíveis – IST's, gravidez na adolescência e planejamento familiar. De acordo com BOMFIM (2012), não negamos a necessidade do conhecimento das determinações morfológicas e fisiológicas, mas entendemos que esse campo biológico se entrelaça com a cultura.

1.2 OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS E A BASE CURRICULAR COMUM NACIONAL.

As primeiras preocupações explícitas em relação à educação do sexo de crianças e jovens no Brasil tiveram lugar nos anos vinte e trinta do século XX. No final dos anos 70, pode-se dizer que havia no Brasil, entre as tendências didáticas de vanguarda, aquelas que tinham um viés mais psicológico e outras cujo viés era mais sociológico e político; a partir dos anos 80 surge então com maior evidência um movimento que pretende a integração entre essas abordagens (BESSA; AQUINO; FREITAS, 2004).

Na segunda metade dos anos de 1990, no âmbito de um conjunto de reformas educacionais, o governo brasileiro produziu um importante documento – Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que se constitui num conjunto de documentos, elaborados pelo Ministério da Educação e do Desporto (MEC), que apresentam as propostas de uma nova

estruturação curricular para o ensino fundamental e o ensino médio (CÉSAR, 2009). Integrando os novos PCN's, o ensino da sexualidade foi incluído no currículo como um tema transversal, recebendo a denominação de Orientação Sexual. De acordo com FIGUEIRÓ (2013):

Temas transversais dizem respeito a conteúdo de caráter social importantes a serem incluídos no currículo, de forma "transversal", ou seja, não como uma área específica de conteúdo, mas ministrados no interior das várias áreas de conhecimento, perpassando cada uma delas (FIGUEIRÓ, 2013, p.105-106).

Antes de tudo é conveniente ressaltar que para fins de terminologia alguns autores não se utilizam da expressão “Orientação sexual”, utilizada nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's, por entenderem que a expressão diz respeito à direção do desejo sexual da pessoa (COSTA, 2005; FIGUEIRÓ, 2014).

Nicolli (2001) enfatiza que a sexualidade é um aspecto fundamental da vida humana; tem dimensões físicas, psicológicas, espirituais, sociais, econômicas, políticas e culturais, não ficando estrita só a termos biológicos.

Dessa forma assumimos a abordagem de *Educação da Sexualidade* em lugar de *Orientação Sexual*, por entendermos que passamos a tratar de um tipo real e atual de educação que percebe e lida com sujeitos-alunos enquanto seres sociais ativos capazes de determinar a construção de sua própria identidade e de sua forma de ser ..., manifestando sua sexualidade e compreendendo-a em termos do papel social que lhe cabe, a partir da sua vivência de gênero – homem ou mulher... (NICOLLI, 2001,).

Nesse sentido o termo Educação para Sexualidade seria mais adequado para ser usado nessa pesquisa do em vez de Orientação Sexual, como tratado nos PCN's.

Ao inserir o tema *educação para sexualidade*, em uma unidade escolar, busca-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa desde cedo no ser humano. Engloba o papel social do homem e da mulher, o respeito por si e pelo outro, as discriminações e os estereótipos atribuídos e vivenciados em seus relacionamentos, o avanço da AIDS e da gravidez indesejada na adolescência, entre outros, que são problemas atuais e preocupantes (BRASIL, 2000). No tocante às relações de gênero, os objetivos visam o combate as relações autoritárias, questionar a rigidez dos padrões de conduta estabelecidos para homens e mulheres e apontar para a sua transformação.

Os PCN's indicam como alguns dos objetivos do ensino fundamental que os alunos sejam capazes de conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro,

bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais; e ainda, conhecer e cuidar do próprio corpo, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva (CESAR, 2009).

Uma evidência da penetração dos PCN's nas escolas é a grande produção bibliográfica, tanto de livros didáticos quanto de livros voltados para orientação de professores e professoras do ensino fundamental, que trata dos PCN's e mais especificamente dos temas transversais (BUSQUETS, 1999; CAMARGO; RIBEIRO, 1999; SUPPLY et al., 1999; YUS, 1998). Isso indica uma intensificação dos trabalhos de educação para a sexualidade na escola a partir desse ciclo. Os programas de Educação para sexualidade devem ser organizados em torno de três eixos norteadores: “Corpo: matriz da sexualidade”, “Relações de gênero” e “Prevenção de doenças sexualmente transmissíveis/AIDS” (BRASIL, 2000).

Segundo Bessa, Aquino e Freitas (2004), a inserção da Educação para Sexualidade nos PCN's implica com urgência a necessidade de estudos, reflexões, debates e pesquisas, sobretudo, a respeito da formação do educador. Sua ausência nas escolas, e para a população em geral, impede que os jovens saibam sobre sexualidade, sobre infecções sexualmente transmissíveis e principalmente sobre a anticoncepção. Além da falta de informação ainda existe um número limitado de serviços especializados em Saúde do Adolescente, um local onde os jovens poderiam melhorar seu conhecimento, obtendo informações sobre os fatores que influenciam e determinam as decisões e comportamentos sexuais, contraceptivos e reprodutivos de sua geração.

Assim, algumas escolas, atentas para a necessidade de trabalhar com essa temática em seus conteúdos formais, incluíram o sistema reprodutivo no currículo de Ciências Naturais. Geralmente, o fazem por meio da discussão sobre a reprodução humana, com informações ou noções relativas à anatomia e fisiologia do corpo humano. Essa abordagem normalmente não abrange as ansiedades e curiosidades das crianças, pois enfoca apenas o corpo biológico e não inclui as dimensões culturais, afetivas e sociais contidas nesse mesmo corpo (BRASIL, 2000).

Os PCN's pretendem ser um referencial fomentador da reflexão sobre os currículos escolares, uma proposta aberta e flexível, que pode ou não ser utilizada pelas escolas na elaboração de suas propostas curriculares, mas para atingir os objetivos propostos pelos PCN's, o tema transversal da educação para sexualidade deveria impregnar toda a área educativa do ensino fundamental e ser tratado por diversas áreas do conhecimento. Educar

para sexualidade deve, portanto, ocorrer de duas formas: dentro da programação, por meio de conteúdos transversalizados nas diferentes áreas do currículo, e como extraprogramação, sempre que surgirem questões relacionadas ao tema.

Esse tema deve ser tratado ao longo de todos os ciclos de escolarização, todavia, “a partir da quinta série (atualmente sexto ano), além da transversalização (...), a Orientação Sexual comporta também uma sistematização e um espaço específico” (BRASIL, 2000) e deve impregnar toda a área educativa:

Alunas e alunos são instigados a falar através de uma metodologia participativa que envolve a lidar com dinâmicas grupais, a aplicação de técnicas de sensibilização e facilitação de debates, a utilização dos materiais didáticos que problematizem em vez de “fechar” a questão, possibilitando a discussão dos valores (sociais e particulares) associados a cada temática da sexualidade (BRASIL, 1998, p. 331).

No entanto, mais recentemente em todo o Brasil, a educação para sexualidade ganhou visibilidade nos debates sócio-políticos, especificamente acerca da sua legitimidade ou mesmo da presença do tema de seja de maneira obrigatória ou facultativa nas orientações curriculares de toda educação básica.

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC começou a ser elaborada em 2015 e atualmente é o documento que define qual o aprendizado essencial que todos os alunos têm direito de adquirir na educação básica. A versão específica para os ensinos infantil e fundamental foi aprovada em dezembro de 2017 e somente um ano depois para o ensino médio.

Porém, no documento final que consta de seiscentas páginas, o termo “*sexualidade*” aparece poucas vezes e das dez competências gerais da BNCC para a educação básica se pode entender como uma possibilidade ao ensino da sexualidade nas abordagens social e biológica-higienista as seguintes competências:

- Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
- Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

- Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR, 2015).

No Estado do Acre, a Secretaria de Estado de Educação - SEE até 2018, utilizava as Orientações Curriculares – OC, elaborada em 2010 e baseada nos PCN’s como referencial teórico para a educação básica. Tal documento passou por uma reelaboração em 2018 sendo dessa vez o currículo feito à luz da BCNN e nessa versão chamado de Currículo de Referência Único do Estado do Acre, submetido à consulta pública e aprovação pelo Conselho Estadual de Educação – CEE ainda em 2018 e com implantação no decorrer do ano letivo de 2019 com a fase de formação docente.

A Secretaria de Estado da Educação, Cultura e Esportes – SEE, em atenção às recomendações da BNCC – Base Nacional Comum Curricular, a Resolução CNE/CP nº 2, de 22 de dezembro de 2017 e a Resolução CEE/AC nº 264/2018, encaminhou a este Conselho Estadual de Educação na data de 21 de dezembro de 2018, o Currículo de Referência Único do Estado do Acre para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, anexados, o Termo de Adesão, construído e assinado por todos de acordo com o que orienta a Resolução CEE/ AC nº 264/2018 em seus artigos 8º e 9º, bem como, os currículos de cada área, construídos pelos Sistemas Estadual e Municipais sob a responsabilidade de uma equipe de redatores composta por professores das redes de ensino e um Comitê de Governança orientado pelo MEC para o processo de implantação da BNCC, que teve início com a reelaboração do currículo do Estado resultando numa versão preliminar submetida à consulta pública a partir do mês de agosto do ano de 2018 e a realização de um Seminário Estadual (RESOLUÇÃO CEE/AC Nº 136/2019, DO Nº 12.548 de 10 e maio de 2019).

Mesmo a BNCC sendo pouco clara no que diz respeito à sexualidade se comparada aos PCN’s, no contexto Estadual, mesmo com a reestruturação do currículo, no texto introdutório do caderno de Ciências da Natureza do novo documento oficial da SEE baseado na BNCC, a secretaria afirma:

A equipe de redatores do componente Ciências da SEE/AC realizou um estudo da BNCC para a disciplina de Ciências do Ensino Fundamental, comparou com a Orientação Curricular estadual vigente e avaliou-se que, de modo geral, as competências específicas para o componente “Ciências” previstas na BNCC já estão contempladas na Orientação Curricular da SEE e, portanto, não estão sendo propostas grandes modificações na atual estrutura do documento, mas algumas inserções de

abordagens de conteúdos propostos pela BNCC que não estavam contemplados ou “explícitos” na atual OC/SEE.

Embora somente a legislação vigente não garanta por si só a implementação da educação para sexualidade, diante dessa onda conservadora, chega a ser um privilégio contar com um documento Estadual que garanta ao docente a liberdade de trabalhar temas polêmicos como esse. Consideramos, portanto, que as contribuições do trabalho pedagógico são de suma importância para que os adolescentes desenvolvam reflexões e posturas éticas com relação às demandas políticas propostas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica, o que inclui necessariamente construir novas relações de sociabilidade e subjetividade a partir das perspectivas em que está inserido cada indivíduo, consolidando as plataformas de acesso para a equidade e a valorização das atividades e dos papéis sociais.

1.3 EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE NO COTIDIANO ESCOLAR

A sexualidade começou adentrar os muros da educação ainda na década de 1960, momento em que houve propostas iniciais governamentais para levar à escola a discussão a respeito da sexualidade, sobretudo seus aspectos biológicos (VIANNA; UNBEHAUM, 2006).

Foucault (1985), ao analisar os dispositivos de controle da sexualidade, elucida entre eles a pedagogização do sexo da criança como uma das formas de controle dos corpos e normatizações do uso dos prazeres presentes no século XVIII. Entretanto, foi somente a partir de 1990 que essa proposta ganhou força ao ser assumida enquanto necessidade na agenda educacional devido ao recrudescimento da gravidez na adolescência e doenças sexualmente transmissíveis (FIGUEIRÓ, 1998).

Diferente do que muita gente acredita, educação sexual nas escolas não é ensinar a criança a fazer sexo, distorcendo assim o significado dessa vertente, mudando todo o sentido do que é essa educação. Ela tem por finalidade abordar temas como doenças sexualmente transmissíveis, as descobertas da sexualidade, para alertar o que é o corpo quem pode mexer nele e que tipo de toque é aceitável ou não, entre outros (NICOLLI, 2001).

A educação sexual é prevista nas escolas desde 1928, pautada em uma concepção higienista, controladora e repressora da sexualidade, marcada por valores morais e religiosos, que perduraram fortemente até a década de 1950 (BORGES; MEYER, 2008). Questões sociais como o movimento feminista nas décadas de 1960 e 1970 e os índices de vírus da imunodeficiência humana (HIV) entre a população jovem na década de 1980 influenciaram os

projetos de educação sexual, norteando suas características, como a predominância da abordagem de conteúdos mais vinculados a métodos contraceptivos e doenças sexualmente transmissíveis (DST's) em práticas mais preventivistas (NARDI; QUARTIERO, 2012).

É necessário diferenciar os termos “sexualidade” e “sexo”, para assim poder compreender que a sexualidade vai além dos aspectos biológicos e considerar todas as suas implicações históricas e culturais. Maia e Ribeiro (2011), abordaram que tais conceitos são aprendidos na construção do processo de socialização. Eles afirmam ainda que “as atitudes e valores, comportamentos e manifestações ligados à sexualidade que acompanham cada indivíduo desde o seu nascimento, constituem os elementos básicos do processo que denominamos de Educação Sexual” .

França (2006) afirma que com desenvolvimento da Ciência Moderna surgem os desafios à Educação Sexual e a escola vem assumindo, cada vez mais, a educação das novas gerações. Conforme as “Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro” (UNESCO, 2014). Segundo as informações contidas nesse documento, torna - se importante uma ação sistematizada do sistema educacional, tendo como objetivo reorganizar e aplicar essas informações de forma integral na formação dos seres humanos, vinculando e transferindo o conceito de Sexualidade Humana para uma Educação Sexual de cunho formal.

A Educação em Sexualidade pode ser entendida como toda e qualquer experiência de socialização vivida pelo indivíduo ao longo do seu ciclo vital, que lhe permita conclusão posicionar-se na esfera social da sexualidade. A educação em sexualidade está presente em todos os espaços de socialização: família, escola, igreja, pares, trabalho, mídia –, mas ocorre de forma pulverizada, fragmentada e dissociada de um plano de sociedade inclusiva (UNESCO, 2014, p.54).

Maia e Ribeiro (2011) afirmam que a Educação Sexual, de uma ação cultural, indistinta, transforma-se em um ato que apresenta conhecimento e aplicação, revelando em seu interior ações planejadas com objetivos limitados, programas elaborados, tempo para ser executado e intenções claras e objetivas. Figueiró (2006b) observa que a Educação Sexual, ocorrendo em qualquer nível de ensino, deve ser evidenciada pelo processo da ação contínua. Essa ação contínua permite que se obtenham momentos de reflexão, indispensáveis para que ocorra uma Educação Sexual Escolar sistemática, politicamente interessada em se conseguir uma criticidade nos modelos que demonstrem e reflitam evidentes ações de desigualdades sexuais, de classes sociais, credos religiosos e diferenças de etnia e de raça.

Em todas as fases da vida, e na adolescência, em especial, a sexualidade toma para si grande parte da preocupação não só individual, mas social e acadêmica. A tríade

sexualidade/adolescência/educação escolar não é só objeto de análise, mas é vista como “una” em diversos momentos da história (DE MORAES; DA SILVA BRÊTAS; DE SOUZA VITALLE, 2018). Figueiró (2006a) argumenta que a Educação Sexual está vinculada com o direito de todo ser humano a receber informações sobre o seu corpo, sua sexualidade e relacionamento sexual, bem como o direito de ter diversas oportunidades para manifestar seus sentimentos, reanalisar seus tabus, aprender, ter momentos de reflexões e debates para assim poder elaborar sua própria opinião e os seus próprios valores. Refere-se ainda que o processo de Educação Sexual envolve ensinar por meio de atitudes do/a próprio/a educador/a, as quais devem revelar que a sexualidade é componente inerente a cada um de nós e deve ser vivenciada com aspectos positivos, tais como: liberdade, alegria e responsabilidade, salientando que uma Educação Sexual possibilita ao ser humano o direito de poder viver momentos de prazer (FIGUEIRÓ, 2006a).

A educação para a sexualidade pode atuar em nível preventivo, evitando dilemas relativos ao comportamento sexual individual e coletivo, e assim, ajudar as pessoas a melhorarem sua qualidade de vida, tornando-as mais tranquilas em relação a sua sexualidade (BESSA; AQUINO; FREITAS, 2004). Conforme o mesmo autor, a educação sexual é um processo de intervenção que busca favorecer a reflexão sobre questões gerais da sexualidade. Essa interação contempla não só a informação, mas também a discussão sobre valores, crenças, preconceitos, experiências individuais e posturas. É essencial enfatizar que as novas tecnologias de informação permitem aos adolescentes interagir, explorar e acessar facilmente informações e recursos sobre sexualidade. Essas novas possibilidades indicam a necessidade de considerar as novas abordagens ao conhecimento sobre a sexualidade nessa população e nos convidam a repensar as potenciais implicações sociais e de saúde (WOLAK; FINKELHOR; MITCHEL, 2012).

Acerca do reconhecimento da potencialidade da escola enquanto grupo de referência e espaço de significativa importância no processo de construção do ser humano, Saito (2008) destaca sobre a necessidade de que sejam trabalhadas, junto aos adolescentes, questões como sexualidade, drogas, projetos de vida, entre outras, valendo-se do respeito à autonomia e reconhecimento das capacidades dos adolescentes. Segundo Mansur (2012) é importante aprender a entender o quanto tais representações podem “incluir” ou “excluir” o sujeito nesse contexto (da escola) permeado pela diversidade, seja ela cultural, etária, étnico-racial, de identidades, por gênero, sexual ou outras.

1.4 ENSINAR SEXUALIDADE: O QUE PODEMOS ESPERAR DOS PROFESSORES EM SALA DE AULA?

A questão da sexualidade já é abordada em casa, onde são transmitidos os valores que cada família adota como seus e espera que as crianças e os adolescentes os assumam. Por isso, para o PCN: Tema Transversal Orientação Sexual, cabe à escola abordar os diversos pontos de vista, os valores e as crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno a construir um ponto de auto referência por meio da reflexão. No entanto, como a abordagem do tema constitui um processo formal e sistematizado que ocorre na escola, é primordial que haja um planejamento minucioso por parte dos educadores.

A escola comporta a clássica definição de lugar de ensino e aprendizagem, saberes construídos e reproduzidos como verdades instituídas. Talvez seja preciso repensar as diversidades de seus sujeitos, das culturas que circulam nesse espaço, nas políticas externas e internas que normatizam e normalizam suas práticas (FOUCAULT, 2014). Refletir sobre a multiplicidade de possibilidades de ver a pessoa de diferentes formas, como um ser social que pode abranger múltiplas identidades em que o corpo, o comportamento e os sentimentos expressam a imagem de quem somos.

A inserção da Educação Sexual na Unidade Escolar, observa-se nos dizeres de Maia e Ribeiro (2011), os quais afirmam que essa atividade pedagógica pode ser utilizada para divulgar conhecimentos e organizar um espaço onde aconteceriam questionamentos e reflexões sobre a sexualidade, esclarecendo mecanismos que são usados para reprimir a Sexualidade Humana e afirmar que essa característica humana apresenta em seu desenvolvimento aspectos histórico-sociais. Essa ação educativa favoreceria, também, o desenvolvimento das relações interpessoais e construção de valores próprios, tendo como ponto de partida pensamentos críticos, buscando compreender melhor suas atitudes e desenvolver decisões coerentes em relação à sua vida sexual.

O trabalho de educar para sexualidade na escola se faz problematizando, questionando e ampliando o leque de conhecimentos e de opções para que o próprio aluno escolha seu caminho. Essas diferentes temáticas deverão ser trabalhadas dentro do limite da ação pedagógica, sem invadir a intimidade e o comportamento de cada aluno ou do professor. O que deve ser feito é auxiliar alunos e educadores a discriminarem o que pode e deve ser compartilhado no grupo e o que deve ser mantido como vivência pessoal.

A Educação Sexual na escola deve ser um processo intencional, planejado e organizado que vise proporcionar ao aluno uma formação que envolva conhecimento, reflexão e questionamento; mudança de atitudes, concepções e valores; produção e desenvolvimento de uma cidadania ativa; e instrumentalização para o combate à homofobia e à discriminação de gênero (MAIA; RIBEIRO, 2011, p.77).

Em experiência de trabalho com adolescentes, constatou-se a importância e o valor atribuído à escola por parte dos adolescentes, da família e da comunidade (ROCHA; FERRARI; SOUZA, 2001). A escola se situa na vida do jovem como uma instituição de grande significado. Além de ser uma das primeiras instituições a manter contato, com o local eminentemente coletivo, que proporciona ao adolescente a experimentação da formação da sua identidade para além da família (BONFIM, 2012). Atualmente, as famílias têm delegado a função de educar somente às escolas, que por sua vez não têm alcançado bons resultados devido ao despreparo de seus profissionais para lidar com assuntos que transcendam o ensino das disciplinas curriculares. Sem preparo adequado, os jovens podem ser influenciados e seguir os exemplos que lhes parecem corretos.

Os parâmetros propõem aos professores que a temática “Orientação Sexual” seja abordada em sala de aula, por meio das mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pelas demais instituições da sociedade. Tudo isso com o objetivo de formar a opinião dos alunos a respeito do que lhes é ou foi apresentado, debatendo com eles os diversos valores associados à sexualidade e aos comportamentos sexuais existentes na sociedade, para que possam desenvolver atitudes coerentes com os valores que eles próprios elegeram como seus.

As escolas desempenham um papel fundamental no ensino e reforço dos valores dominantes da cultura e isso é especialmente verdadeiro em áreas de gênero e sexualidade. Desde o primeiro dia em que entram na pré-escola ou jardim de infância, as crianças são identificadas por sexo em formulários de registro, chamados de “meninos e meninas”, e seu gênero é praticado e reforçado através de histórias, brincadeiras livres e interações com seus professores e seus pares (RENOLD, 2000; PAECHTER, 2009). As escolas também são um site popular para explorar relacionamentos exclusivos com “melhores amigos”, na escola primária, e “namorados” ou “namoradas”, nos últimos anos (RENOLD, 2003).

Frequentemente, os jovens desenvolvem suas primeiras paixões e aprendem sobre as famílias, relacionamentos, reprodução e o que a sociedade espera que sejam. Muito do que ocorre na escola é de gênero ou sexualizado e, por essa razão, é importante que os educadores tenham uma forte compreensão de como os sistemas de sexo, gênero e sexualidade operam no cenário do ensino fundamental e médio.

Contitui-se como um local privilegiado para a abordagem de assuntos relacionados a sexualidade, uma vez que além do tempo de permanência, a multiplicidade de opiniões e o convívio social favorecem o debate. Segundo Reis e Vilar (2004), cabe ao professor propor atividades que permitam que os alunos tenham não só a oportunidade de conhecer seu próprio corpo, mas também seus sentimentos, realidade cultural e diferenças de gênero. O professor ao organizar seu trabalho norteado por uma perspectiva construtivista deve estar ciente das dificuldades que poderá enfrentar durante o processo de ensino. Segundo Gouveia e Valadares (2004):

Ensinar de forma construtivista exige considerar quer o ensino, quer aprendizagem como processos mais complexos do que a mera transmissão recepção de conhecimento (GOUVEIA; VALADARES, 2004, p. 202).

As discussões acerca da sexualidade não devem se limitar apenas a aspectos biológicos, como a morfologia e fisiologia do sistema reprodutor, devem contemplar também diversos aspectos sociais presentes em situações cotidianas, que necessitam de encaminhamentos de ações que garantam aos cidadãos seu pleno exercício de cidadania. Portanto, o tema sexualidade deve ser abordado visando corroborar com transformações que garantam dignidade e a qualidade de vida e abarquem questões sociais, como: abuso sexual, prostituição infantil, gravidez indesejada na adolescência, doenças sexualmente transmissíveis (DST) e a discriminação de gênero (BRASIL, 1998).

Silva e Carvalho (2005) mencionam que a falta de preparação dos professores para trabalhar com questões de sexualidade na escola pode ter sido originada na educação familiar anti-sexual e opressiva que receberam e, também, na sua formação acadêmica inicial, em que há pouca discussão sobre o assunto. A partir de perspectivas bem estabelecidas, a fala da sexualidade e não o seu silêncio se constituiu como fator importante no discurso educacional brasileiro.

É consensual a necessidade de fomentar a educação para sexualidade por forma a proporcionar a qualquer jovem em idade escolar as informações necessárias para o pleno exercício da sua sexualidade. Mais do que informar acerca do sexo (enquanto aparelho reprodutor e por isso mesmo restrito à esfera do biológico), a educação sexual que se preconiza é mais abrangente e abarca a própria educação para a cidadania porque uma sexualidade convenientemente vivida contribui para o desenvolvimento individual e crescimento pessoal. Ramos (2007), investigando as concepções de um grupo de professores em uma escola de ensino médio, sobre sexualidade e educação sexual, mostra claramente

como explicações de senso comum sobre questões de sexualidade permeiam continuamente suas práticas. De acordo com o mesmo autor, é decisivo o reencontro da sexualidade com as novas perspectivas dos estudos de gênero, recordando que os projetos de educação sexual dos anos 70 partiram de uma perspectiva libertária representada pelas abordagens feministas.

Nessa perspectiva, sexualidade, educação sexual e diversidade sexual se referem a práticas de liberdade, na medida em que os limites de nosso pensamento deverão ser transcendidos em nome de outras possibilidades tanto de conhecer como de amar. (CÉSAR, 2009).

1.5 PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE SEXUAL

A lei nº 3/84 de 24 de março, no seu artigo 1.º e, mais concretamente, no artigo 2.º, especifica qual o papel que cabe ao Estado no que diz respeito à educação sexual dos jovens. O artigo ressalta que compete ao Estado auxiliar os pais na educação dos filhos, onde a educação sexual dos jovens seria garantida pelas escolas, pelas organizações sanitárias e através dos meios de comunicação. Essa lei abrange, também, os conteúdos programáticos escolares que deverão ser coadunados aos diferentes níveis de ensino, devendo ser abrangentes e incidindo não somente nas características anatômicas e fisiológicas, mas englobando a genética e toda a sexualidade humana como móbil da superação da discriminação que tem por base a tradicional atribuição do papel homem/mulher.

Dado o reconhecimento social acerca da necessidade de se desenvolverem práticas de cuidado voltadas à saúde integral dos adolescentes, bem como voltadas à saúde sexual e reprodutiva, diversas políticas, programas e documentos públicos têm se debruçado em questões vinculadas à educação sexual (BRASIL, 2000). No Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) por exemplo, no artigo 11, aponta-se o direito de crianças e adolescentes ao acesso à saúde integral e, nessa direção, reforça-se a necessidade de garantia de acesso dos adolescentes aos serviços de cuidado à saúde integral, bem como às questões de sexualidade (BRASIL, 1990). Nesse momento a educação sexual já era uma preocupação para médicos, intelectuais, professores e professoras que então povoavam o universo educacional brasileiro (CÉSAR, 2009).

Em estudos realizados pela Sociedade Portuguesa de Ginecologia (SPG) e pela Sociedade Portuguesa de Medicina de Reprodução (SPMR) (Jornal de Notícias, 2005), jovens participantes afirmaram, maioritariamente (83,4%), que obtiveram informação acerca da contracepção em contexto escolar. Essa abordagem do papel da escola se insere no campo

mais vasto da necessidade da promoção de educação sexual em meio escolar, com pessoal devidamente qualificado para atender à especificidade desta área de ensino/aprendizagem. A escola, como ambiente de ensino-aprendizagem, convivência e crescimento, é o espaço ideal para o desenvolvimento de ações educativas que visem à promoção da saúde, pois influencia significativamente o comportamento, o conhecimento, o senso de responsabilidade e a capacidade de observar, pensar e agir em crianças e adolescentes. Assim, entende-se que a educação em saúde é necessária à promoção da saúde e que a escola é o melhor lugar para o desenvolvimento dessas ações.

Segundo Maia e Ribeiro (2012) “embora outros ambientes, tais como postos de saúde, fábricas, sindicatos, ambulatorios médicos e mesmo universidades” possam desenvolver atividades de educação para sexualidade é a Unidade Escolar o local mais adequado para se realizar, uma vez que é nela que os alunos/as passarão grande parte de suas vidas, em interações sociais e expostos a modelos educativos que, no caso da sexualidade, deveriam se pautar na formação de cidadãos autônomos e críticos, analisando-se para tal uma Educação Sexual com caráter emancipatório.

De acordo com Reis e Ribeiro (2005) educação para sexualidade, nos moldes em que está sendo proposto nas escolas, está mais relacionado aos programas de saúde com ênfase aos lados biológico e higienista e isso reflete no despreparo dos educadores frente a essa temática, não apresentando informações que são realmente necessárias aos jovens. Segundo Mortimer (1996) cresce o número de registros na literatura, a partir dos anos de 1970, preocupados com os conteúdos e as ideias dos estudantes em relação aos conhecimentos científicos aprendidos na escola. Cabe ao professor construir diálogos sobre a sexualidade no ambiente escolar, criando de acordo com Figueiró (2006b):

Oportunidades várias de reflexão, para que os alunos pensem e discutam com os colegas, a fim de que formem sua própria opinião sobre o sexo pré-matrimonial, masturbação, homossexualidade e aborto, entre outros. Cabe também ao professor fazer com que os alunos tenham acesso a informações claras, objetivas e científicas sobre sexualidade. (FIGUEIRÓ, 2006b, p.2).

Diversos problemas na atualidade estão relacionados com questões pertinentes à sexualidade, como, por exemplo, o crescimento das ISTs e AIDS e da gravidez na adolescência. De fato, as ISTs são um grande e importante problema de saúde pública, pois se estima que 51 milhões de adolescentes e adultos sexualmente ativos (15 a 49 anos), que vivem nas Américas, tiveram uma IST curável em 2012 (WHO, 2016). O tema sexualidade

deve ser abordado visando corroborar com transformações que garantam a dignidade e a qualidade de vida e abarquem questões sociais como o alto índice de gravidez indesejada na adolescência, abuso sexual e prostituição infantil, o contágio de doenças sexualmente transmissíveis (DST) e a discriminação de gênero (BRASIL, 1998).

Para que o programa de educação para sexualidade alcance os objetivos propostos dentro da escola, o educador deve estar envolvido na adoção de uma perspectiva mais abrangente de sexualidade e conhecer seu papel sexual, combater seus tabus e preconceitos, analisar as questões biológicas, psicológicas, sociais, morais e políticas que envolvem o assunto, sempre estimulando o respeito às diversidades, dessa forma, possibilita uma postura mais aberta de escuta (FIGUEIRÓ, 2009). Beraldo (2003) acrescenta ainda que a escola não deve e não vai assumir o lugar da família, mas cabe a ela dar condições para que uma aprendizagem correta venha a surgir, pois a instituição escolar objetiva o crescimento do indivíduo como um todo. Dessa maneira, as atividades de Educação Sexual a serem desenvolvidas na escola devem conter discussões e reflexões a respeito do tema, acontecendo de um modo formal e sistematizado, constituindo-se em uma proposta objetiva de ação por parte dos educadores.

Para Werebe, 1998, a educação sexual deve atravessar a integridade do indivíduo para que ele reflita sobre suas atitudes e encontre sua medida de equilíbrio. O mesmo afirma que:

Uma autêntica educação sexual deve ter objetivos amplos: oferecer à criança e aos jovens a possibilidade de compreender as dimensões e a significação da sexualidade, de maneira a integrá-la positivamente na personalidade, a contribuir para que possam realizar projetos de vida pessoal e social como seres sexuados (WEREBE, 1998, p.163).

1.6 OBJETIVOS

1.6.1 Objetivo geral

Avaliar o conhecimento de um grupo de dezenove alunos adolescentes matriculados no oitavo ano do ensino fundamental da Escola Serafim da Silva Salgado, sobre a Educação para a Sexualidade, a partir da aplicação de testes realizados antes e depois dos conteúdos abordados no sentido de oferecer aos alunos informações concernentes ao tema. Construir, em consonância com os resultados encontrados, recurso didático que possa contribuir para a educação para sexualidade, num esforço conjunto que envolva professores, pais e alunos, com vistas a um aprendizado multidisciplinar.

1.6.2 Objetivos específicos

- Identificar, na população alvo do estudo, o nível de conhecimento sobre a sexualidade em seus diversos aspectos, infecções sexualmente transmissíveis, contracepção e gravidez na adolescência.
- Identificar como os adolescentes compreendem suas próprias sexualidades, como vivenciam sua corporeidade e onde buscam informações sobre sexo e sexualidade.
- Avaliar se a educação para sexualidade oferecida pela escola atende às expectativas e necessidades dos alunos.
- Construir, a partir da análise dos resultados obtidos, estratégia pedagógica que possa contribuir para o ensino da educação da sexualidade junto aos professores da Escola, pais e alunos, visando um aprendizado multidisciplinar.

2. CAPÍTULO II – MÉTODO – TRAJETÓRIA DE PESQUISA

2.1 CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA

A presente pesquisa é de cunho quali-quantitativo, com a finalidade de, por meio desse método, coletar os dados necessários à consecução dos objetivos propostos. De acordo com Coutinho (2013), a pesquisa quantitativa foca fatos e “fenômenos observáveis e a medição/avaliação comportamentais e/ou sócio afetivas passíveis de serem medidas”, enquanto a pesquisa qualitativa “descreve os fenômenos por palavras em vez de número ou medidas”. Segundo Eller e Pfaff (2013), no Brasil, a pesquisa qualitativa teve “muita influência dos estudos desenvolvidos na área de avaliação de programas e currículos, assim como das novas perspectivas para investigação da escola e da sala de aula”.

2.2 O LOCAL E OS SUJEITOS DA PESQUISA

O estudo foi realizado na escola Serafim da Silva Salgado, pertencente à rede estadual de ensino do Acre, localizada no município de Rio Branco, no bairro Aeroporto Velho. A unidade escolar oferece o Ensino Fundamental, do 6^o ao 9^o ano regular, em dois turnos: manhã e tarde. No período noturno funciona o Programa Educação de Jovens e Adultos – Supletivo (fundamental e médio). Possui 13 salas de aula, laboratório de informática, quadra poliesportiva, refeitório, biblioteca, sala de leitura, secretaria, sala de professores, sala de direção, sala de recursos multifuncionais para o Atendimento Educacional Especializado (AEE) e uma área verde.

Um total de 19 alunos com idade entre 13 e 14 anos dos oitavos anos aceitaram participar de forma voluntária das atividades da pesquisa. A escolha da série foi em decorrência da presença de temas relacionados à anatomia e fisiologia dos sistemas reprodutores e hormonais masculino e feminino, reprodução e contracepção na estrutura curricular do programa da disciplina de ciências.

2.3 AUTORIZAÇÃO PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Para a realização do estudo foi encaminhado previamente à Escola um Termo de Autorização para a realização da pesquisa, assinado pelo diretor. E por se tratar de estudantes

de menor idade, foi elaborado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, que foi assinado pelos pais e/ou responsáveis dos alunos que aderiram à pesquisa.

2.4 CONFECÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS DE AVALIAÇÃO

Para a elaboração dos questionários, o modelo das perguntas seguiu a estrutura proposta por Magalhães (2011), com algumas adaptações. As perguntas, de natureza aberta e fechada, testaram o conhecimento dos participantes referente aos temas sexualidade, anatomia e fisiologia do sistema reprodutor masculino e feminino, concepção e contracepção, infecções sexualmente transmissíveis e gravidez entre adolescentes.

2.5 MÉTODO

Inicialmente foi realizada uma visita à escola pretendida e depois de uma autorização formal do diretor o projeto foi apresentado, em sala de aula, ocasião em que foi formulado o convite para participação voluntária dos alunos do oitavo ano, matriculados no turno matutino do ensino fundamental, sendo a tarde o horário escolhido para as atividades do projeto. As oficinas ocorreram as quartas feiras entre os meses de setembro e outubro de 2018, no horário de 13:00 às 16:00, com carga horária total de 15 horas. O dia foi escolhido de maneira estratégica, pois a disciplina de educação física ocorria na quarta-feira, dessa maneira, os alunos já estariam naquele dia na escola, tendo que disponibilizar apenas algumas horas a mais da rotina escolar em que já estavam inseridos.

Durante a primeira aula da sequência didática foi aplicado, a título de pré-teste, o questionário estruturado. O questionário foi aplicado individualmente, contendo, além das perguntas, apenas os dados sobre o sexo e a idade dos participantes, como forma de assegurar o anonimato dos alunos. Os dados obtidos foram organizados de modo que pudessem gerar tabelas, para melhor visualização das informações obtidas.

2.5.1 Oficinas de educação para a Sexualidade

No desenvolvimento das oficinas, os três momentos pedagógicos descritos por Delizoicov, Angotti e Pernambuco (2002) foram utilizados, sendo eles: a problematização, que aborda situações e problemas reais que os alunos vivenciam e que permitem a

manifestação de seus conhecimentos prévios, suas ideias e opiniões, seguida da organização de conhecimentos, momento em que conhecimentos específicos em relação ao tema da oficina são trabalhados e apresentados aos alunos para que compreendam o que está envolvido no estudo, e por fim, a aplicação dos conhecimentos, momento em que podem utilizar os conhecimentos trabalhados para explicarem acontecimentos e compreenderem o cotidiano e as situações envolvidas, tornando a aprendizagem mais significativa. A constituição dos dados será realizada por meio de atividades produzidas pelos alunos, da observação das atividades e dos resultados obtidos pelo pré e pós teste.

Na etapa de problematização, as situações reais, conhecidas e vivenciadas pelos participantes de uma dada temática são apresentadas para que os alunos manifestem suas ideias e concepções a respeito. A meta é problematizar e compartilhar o conhecimento que o grupo possui. Cabendo ao professor fomentar uma discussão das respostas, explorar explicações contraditórias e mostrar limitações no conhecimento característico do senso comum. No segundo momento pedagógico, são apresentados conhecimentos específicos necessários para a compreensão da situação em estudo. Na aplicação do conhecimento, terceiro momento pedagógico, a situação inicial é analisada e interpretada tendo como base as ideias e os conceitos introduzidos e outras situações problemáticas são apresentadas para que os participantes possam aplicar os conhecimentos elaborados. Todo esse processo é muito importante, pois pode permitir que o aprendiz tenha um novo olhar sobre o problema inicial e se sinta capaz de compreender e buscar soluções para outros problemas relacionados aos mesmos conhecimentos científicos (SILVA, 2007).

As oficinas ocorreram nas quartas feiras e foram realizadas no período da tarde (13:00 – 16:00), abordando os seguintes temas:

- A sexualidade nas diferentes fases da vida (Carga horária: 3h).
- Anatomia do sistema reprodutor masculino e feminino (Carga horária: 3h).
- Ciclo hormonal feminino e masculino (Carga horária: 3h).
- Infecções sexualmente transmissíveis (Carga horária: 3h).
- Gravidez na Adolescência (Carga horária: 3h).

Primeiro encontro

No primeiro encontro foram recolhidos os TCLE's, visto que duas semanas antes já haviam sido recolhidos da maioria dos alunos, professor de ciências e diretor da Escola. Houve a construção de um contrato de convivência entre a pesquisadora e os alunos. O

contrato de convivência consiste em um acordo entre as partes para que o ambiente em sala de aula favorecesse o melhor andamento das oficinas através de uma dinâmica adaptada de Magalhães (2011) e seguindo as etapas do desenvolvimento de uma oficina citadas por Delizoicov et al., (2002).

Construção do contrato

Com o objetivo de construir coletivamente as regras de convivência, a partir da perspectiva daquele grupo; estimular as (os) adolescentes a pensar nos limites de ação durante a convivência naquele grupo; não imposição de regras por parte da coordenação.

Desenvolvimento:

- 1) Foi entregue à turma uma tira de papel com o sorriso verde para que escrevessem o que queriam que acontecesse durante os encontros com este grupo.
- 2) Após terem escrito, cada adolescente leu o que escreveu e colou sua sugestão no papel pardo preso na parede, na coluna “**nós queremos que aconteça...**”.
- 3) Entreguei à turma uma tira de papel com o X vermelho para que escrevessem o que não queriam que acontecesse.
- 4) Cada adolescente leu o que escreveu e colou sua sugestão no papel pardo preso na parede, na coluna “**Nós NÃO queremos que aconteça...**”.
- 5) Foi perguntado à turma se já tinham visto um contrato de aluguel, ou de serviços, ou mesmo uma certidão de casamento e se sabem por que as pessoas assinam contratos e documentos.
- 6) Após roda de conversa sobre cada sugestão, foi proposto incluir temáticas sugeridas pela autora, das quais eles não haviam mencionado, mas que teriam relevância para as regras de convivência como por exemplo, na coluna “**Nós queremos que aconteça...**”, o sigilo das informações pessoais compartilhadas nas rodas de conversa, o tempo de intervalo, lanche compartilhado e ainda a utilização de músicas durante as atividades, já na coluna “**Nós NÃO queremos que aconteça...**” foi acrescentado ressalvas sobre a utilização de telefone celular durante as atividades e sobre a circulação nos espaços escolares no período dos nossos encontros.
- 7) Por fim foi proposto que todos assinassem o papel pardo: O contrato da turma.

Materiais:

- Um quarto de folha de papel A4 com sorriso na cor verde por pessoas do grupo;
- Um quarto de folha de papel lisa, com um X vermelho por pessoas do grupo;
- Duas folhas de papel pardo: em uma, a frase “Nós queremos que aconteça...” e, na outra, “Nós não queremos que aconteça...”;
- Fita adesiva para prender o papel pardo na parede ou no quadro.

A fase de problematização descrita por Delizoicov (2002), fala sobre situações e problemas reais que os alunos vivenciam e que permitem a manifestação de seus conhecimentos prévios, suas ideias e opiniões, justamente o que acontece na descrição do desenvolvimento da dinâmica dos itens 1 ao 4, em que os alunos participam ativamente e opinam de acordo com suas vivências para a construção do contrato de convivência

No segundo momento pedagógico, são apresentados conhecimentos específicos necessários para a compreensão da situação em estudo. Nesta oficina pode ser compreendido tal momento no item 5 do desenvolvimento da atividade quando o professor fala sobre a assinatura de contratos e certidões para que eles tenham dimensão do comprometimento com as oficinas.

No terceiro momento pedagógico, o autor fala da aplicação do conhecimento, onde a situação inicial é analisada e interpretada tendo como base as ideias e os conceitos introduzidos e ainda outras situações problemáticas são apresentadas para que os participantes possam aplicar os conhecimentos elaborados. Na oficina corresponde aos momentos descritos nos itens 6 e 7 do desenvolvimento da atividade quando numa roda de conversa o grupo retoma os tópicos iniciais da atividade, discutem as ideias e finalizam o contrato.

Segundo encontro

O planejamento para o segundo encontro foi a aplicação do pré-teste e em seguida uma aula expositiva com apresentação em PowerPoint do material adaptado do Semina Educativa sobre o conceito de sexualidade e como esta é vivenciada em cada fase da vida, desde a fase intrauterina até a maturidade. Abordando também os conceitos de gênero e identidade de gênero, orientação sexual, prática sexual, sujeito sexual, saúde sexual e reprodutiva, respeito às diferenças e direitos sexuais e reprodutivos. Para atividade avaliativa foi realizada uma dinâmica adaptada de MAGALHÃES, 2011, p 43 a 46, descrita a seguir:

Conceito de sexualidade

Com o objetivo de ampliar e discutir o conceito de sexualidade; enfatizar as duas dimensões da sexualidade: psicológica e sociocultural, para além da biológica; perceber que trabalhar o tema da sexualidade sem falar de sexo é uma forma de prevenção de doenças, gravidezes não planejadas, abuso e violência sexual.

A dinâmica em questão pode ser trabalhada por diversas disciplinas e contemplando habilidades previstas nos componentes curriculares, por exemplo de língua portuguesa, os tipos de frases e classes de palavras, concordância verbal e nominal, verbos e variações de tempos verbais para formação das frases;

Desenvolvimento:

1. A turma foi dividida em 4 grupos e cada grupo recebeu um conjunto de frases que deveria pôr em ordem:
 - Ir à festa
 - Combinar a balada
 - Dançar
 - Montar o *look*
 - Observar outros (as) adolescentes
 - Socializar
 - Arrumar-se
 - Tomar banho
 - Voltar para casa
2. Quando todos os grupos terminaram, compactamos as ordens escolhidas e observamos as semelhanças e as diferenças.
3. Ao final realizamos uma roda de conversa sobre o que significa cada frase/ação dentro do universo da adolescência e a sua relação com a sexualidade.

De acordo com a autora, cada frase tem um sentido para a vivência da sexualidade em suas diversas faces:

Combinar a balada – âmbito social no qual a (o) adolescente está inserido e de extrema importância para seu desenvolvimento.

Montar o look – questão de moda que interfere na forma de vestir tanto meninos quanto meninas; a necessidade de se sentir aceita (o) no grupo que passa pelo estereótipo; a questão de gênero: meninas vestem roupas diferentes dos meninos, na maioria das vezes.

Tomar banho - autocuidado; higiene pessoal; autoconhecimento; sensibilidade; o papel do olfato e dos sentidos na sexualidade humana.

Arrumar-se – autoestima; autovalorização; gostar de si; das suas formas; do seu corpo; do direito de ser quem deseja ser; autenticidade; personalidade, diversidade.

Sair de casa – sentido figurado: a (o) adolescente não é mais criança, e agora tem um pouco de independência para andar sobre as próprias pernas, seguir seu caminho, sem a companhia constante dos responsáveis, como era na infância.

Chegar à festa – chegar ao objetivo; alcançar parte do planejado; ansiedade, adrenalina e expectativa de como será...

Observar as (os) outras (os) adolescentes – ver e olhar é o primeiro toque que damos e recebemos, é a primeira forma de contato e é fundamental para as identificações que surgirão no futuro para relacionamentos afetivos.

Dançar – forma de se expressar, de ter prazer, de seduzir e ser seduzida (o).

Socializar – começar a criar vínculos, elos, ligações com novas pessoas que atraem, trocar energia.

Voltar para casa – sentido figurado e literal. Voltar às origens, ao aconchego do lar, lugar onde deve ser seguro (nem sempre o é) e, ao mesmo tempo, o lugar aonde vai dormir, se alimentar para recomeçar o dia seguinte.

4. A função do coordenador foi perguntar o que significa cada uma das ações escritas em cada frase, por exemplo, “O que significa sair de casa? ”; “ O que significa escolher uma roupa? ”; “Que ideia está embutida ao ato de dançar? ” Levando a turma a pensar, refletir o significado de cada ação, ou seja, não estará pensando pela turma (MAGALHÃES, 2011).

Atendendo a sugestão de Magalhães, 2011, ao final da reflexão sobre a última ação, perguntei: “Porque não está incluída a transa nesta atividade? Por que a (o) adolescente voltou para casa sem chegar aos finalmente?”. Após considerar as respostas, complementei as ideias que eles coletivamente construíram até que pudessem perceber que ainda de acordo com Magalhães:

(..) em um trabalho de sexualidade, quando conseguimos abordar todas estas questões embutidas em cada ação, desenvolvendo atividades que fortaleçam a autoestima das (os) adolescentes, estaremos facilitando sua formação, autonomia, e independência para tomar decisões acertadas em todos os âmbitos da vida, inclusive o sexual. Mesmo quando não se fala diretamente, explicitamente, sobre sexo, estamos fazendo prevenção às IST’S/HIV e estamos dando um pouco mais de condições as (os)

adolescentes refletirem sobre gravidez não planejada, que são as nossas principais preocupações.

Foram usados, neste encontro, vários conjuntos de frases dentro de envelopes.

Nessa oficina, assim como nas demais, também é possível observar os três momentos descritos por Delizoicov, Angotti e Pernambuco (2002) a problematização, que aborda situações reais que os alunos vivenciam e que permitem a manifestação de seus conhecimentos prévios, suas ideias e opiniões, quando são solicitados a ordenar as frases e em seguida da organização de conhecimentos, momento em que conhecimentos específicos em relação ao tema da oficina são trabalhados e apresentados aos alunos para que compreendam o que está envolvido no estudo, quando são levados a pensar sobre o conceito de sexualidade e como esse pode ser percebido em cada uma das ações e por fim, a aplicação dos conhecimentos, momento em que podem utilizar os conhecimentos trabalhados para explicarem acontecimentos e compreenderem o cotidiano e as situações envolvidas, tornando a aprendizagem mais significativa, como, por exemplo, quando relacionam o conceito de sexualidade a cada ação descrita nas frases mesmo que ao final não tenha ato sexual.

Terceiro encontro

Foi realizada uma breve aula expositiva sobre o sistema reprodutor e hormonal masculino e feminino com apoio de quadro imantado da semina dos órgãos internos e externos de ambos os sistemas. Utilizado inclusive para demonstrar as fases do ciclo menstrual inclusive a ovulação e ainda a ereção masculina.

No segundo momento fora utilizado um instrumento diagnóstico adaptado de Meinardi (2005), por meio do qual os estudantes puderam realizar um esboço do sistema reprodutivo e as referências correspondentes aos órgãos, obedecendo o conhecimento prévio sobre o assunto.

Os adolescentes foram separados em 4 grupos que se reuniram separadamente para comparar e analisar os padrões produzidos individualmente durante o diagnóstico. Cada aluno descreveu a sua representação e, em seguida, foram discutidas as semelhanças e diferenças entre elas, concordando com um modelo comum que atendeu as opiniões consensuais. Realizaram ainda um registro das discordâncias. Ao final eles discutiram e realizaram o registro de como eles acreditavam funcionar o sistema reprodutivo.

Reservamos um momento para que todos os grupos apresentassem suas conclusões, descrevendo, além do modelo, a função dos órgãos do sistema reprodutor, mencionando, por

exemplo, quando e onde as células sexuais são formadas, onde os gametas se unem e o percurso que realizam até a união destes. O objetivo deste momento é a declaração dos pontos de vista próprios de cada grupo, bem como o confronto com o conhecimento e interpretação dos pontos de vista dos outros.

Atividade: Criar um modelo anatômico coletivamente baseado nos esboços individuais

Em seguida, propusemos aos alunos a leitura de um texto que abordava as estruturas e as funções dos sistemas reprodutivos masculino e feminino. A fonte de informação foram os textos de Magalhães, 2011, p: 203 a 206. A escolha do material de apoio para realização da atividade foi um texto, já que um em um vídeo por exemplo, eles não poderiam se valer de assisti-lo novamente, no entanto, o texto lhes permitiu voltar, reler, sublinhar, etc., favorecendo a apropriação do assunto. Após a leitura e a discussão em grupo, os alunos retornaram à instância individual e lhes foi sugerido que executassem as modificações necessárias de acordo com o que acreditavam importar no seu esquema inicial. Por exemplo, alterando o local ou o tamanho relativo de determinado órgão ou estrutura, de acordo com os dados fornecidos pelo texto ou pelos seus colegas nas discussões em grupo.

Em um segundo momento eles formaram os grupos iniciais e cada aluno apresentou as alterações feitas em seu esquema, em seguida cada grupo elaborou uma nova representação coletiva. Posteriormente, num acordo geral entre os grupos, foi apresentado um modelo único da representação do aparelho genital masculino e feminino bem como dos órgãos reprodutores de ambos os sexos.

Materiais: papel e canetas coloridas

Quarto encontro

Foi realizado uma aula expositiva com apoio de álbum seriado sobre Planejamento Familiar do Programa de Atenção e Orientação à saúde sexual e reprodutiva e utilizando mais uma vez o quadro imantado da Semina Educativa, foram expostos os possíveis locais intervenção de uma gravidez. A aula visou incentivar a tomada de decisões.

Para isso, foram distribuídos, entre os grupos, diferentes dispositivos anticoncepcionais, como, por exemplo, DIU, diafragma vaginal, preservativos femininos e masculinos e demonstração do uso ambos, além de modelos anatômicos das genitálias masculina e feminina.

Foi sugerido que eles formulassem hipóteses sobre como e quando o dispositivo deverá ser usado e seu modo de funcionamento. No momento seguinte, os grupos

apresentaram as hipóteses, uma vez que apresentei situações problema e forneci as informações necessárias para que os alunos reformulassem as suas respostas.

A proposta final se torna uma instância de reflexão: os alunos foram estimulados a refletir sobre as seguintes questões:

- O quão importante é aprender a relacionar o sistema hormonal e reprodutivo, situações da vida diária e atitudes preventivas para a evitar tanto IST's quanto uma gravidez não planejada.
- Quais conhecimentos ainda não têm e são considerados muito necessários;
- Quais são as consequências de não se ter um conhecimento adequado do assunto ou mesmo a falta deles.

A atividade adaptada de Meinardi et al. (2008), aqui propusemos para enquadrar a questão da contracepção em uma perspectiva contextualizada. Tal dinâmica foi utilizada como atividade de fixação, mas pode ser usada como ferramenta para a avaliação da aprendizagem, podendo ser interessante também como um diagnóstico ou pesquisa de ideias alternativas, tendo como propósito levá-los a refletir e decidir qual o método contraceptivo deve ser usado em cada uma das seguintes hipotéticas condições:

A- Recusa de utilizar um dispositivo no momento da relação sexual e usar um método natural.

B- Um método reversível de máxima eficiência, sem alterar a espontaneidade do ato sexual.

C- Um método que protege contra o HIV e outras doenças sexualmente transmissíveis, como condição básica necessária.

D- Método de alta eficiência em que não é necessário prevenir o HIV, mas que seja reversível.

E- Um método que não envolva custos econômicos.

F- Um método que não requer nenhum planejamento e é reversível.

G- Um método reversível para o casal, eficiência máxima, que não perturbe a espontaneidade do ato sexual e não envolva a presença de um elemento artificial dentro do corpo da mulher.

H – Método eficaz para contracepção e IST's e que seja de acesso gratuito ou a um baixo custo.

Com a turma dividida em quatro grupos, esses receberam duas situações problema em que deveriam discutir e encontrar até duas possibilidades de contracepção para cada

especificidade destacada. A proposta didática está focada na construção de conhecimentos que orientem a adoção de um comportamento sexual responsável, mas sobretudo individualizado e de acordo com as peculiaridades de cada indivíduo ou casal, estimulando decisões bem embasadas sobre suas vidas sexual e reprodutiva e ainda, que os alunos sejam capazes de analisar criticamente todas as consequências de uma relação sexual desprotegida.

Cada grupo expôs suas sugestões para cada situação problema em uma roda de conversa que proporcionou o envolvimento coletivo e a explanação de outras possibilidades pelos demais grupos.

Quinto encontro

Prevenção de doenças e cadeia de transmissão das IST's e HIV

A aula e oficina realizada tinham como objetivo ratificar que a responsabilidade da proteção é individual, ou seja, tanto de meninos como de meninas; estimular a conversa sobre IST's e AIDS no grupo; refletir sobre os sentimentos que envolvem uma situação de contágio do vírus; estimular o autocuidado e a responsabilidade pelos próprios atos; valorizar o prazer sexual com segurança.

Desenvolvimento:

A atividade iniciou-se fazendo uma explanação sobre as IST's, HIV e com base no álbum seriado da Semina Educativa. Enfatizando as principais IST's, formas de transmissão, agente causador, período de incubação e principais sintomas. Foram orientados em seguida que eles fariam um jogo para compreenderem como se dá a cadeia de transmissão dessas infecções por via sexual. Tal atividade foi adaptada do Jogo de Corpo: Livro do Professor, do Instituto Kaplan, 2014.

- 1) Preparei as fichas marcando três delas com um "C"; três com a mensagem: "Não participe da atividade e não siga minhas instruções até que voltemos a nos sentar"; uma ficha marcada com um "X".
- 2) Nas demais fichas estava escrito: "Sigam todas as minhas instruções", inclusive nas marcadas com "C" e "X";
- 3) Entrego uma ficha para cada jovem e solicito que guardem segredo quanto às instruções que receberam e as obedecem;
- 4) Em seguida peço para que fiquem de pé e escolham três colegas para assinarem suas fichas;

- 5) Quando todos colheram as assinaturas, pedi que voltassem a sentar.
- 6) Recomendo que a pessoa com a ficha marcada com um “X” fique em pé.
- 7) Peço a todos os que colheram a assinatura da pessoa com a ficha “X” ou que assinaram a ficha “X” que fiquem em pé.
- 8) Peço que agora todos os que trocaram assinatura com o primeiro grupo que se levantou, também fique de pé e assim sucessivamente até que todos menos os alunos que foram solicitados a não participar fiquem de pé;
- 9) Os orientei a imaginar que a pessoa marcada com um “X” estava infectada pelo HIV ou uma IST e que ele manteve relações sexuais sem nenhuma proteção, com as três pessoas que assinaram sua ficha e ainda com aqueles que tiveram suas fichas assinadas pelo jovem com a ficha “X”.
- 10) Os oriento a imaginar que as pessoas com as fichas que dizem: “Não participe” não mantêm relações sexuais. E, finalmente, as pessoas com as fichas marcadas com “C” usaram camisinha e, portanto, correm menos risco. Estes jovens podem se sentar.
- 11) Para finalizar a atividade digo que tudo foi um exercício e que agora todos devem se sentar e refletir sobre a sensação de contrair uma infecção pela falta do uso de preservativo. É aberta roda de conversa para que individualmente e em grupo os alunos compartilhem sobre a experiência. Faço as complementações necessárias e encerro.

Materiais: fichas e canetas;

Após essa atividade, os alunos demonstraram surpresa ao perceber a facilidade de contágio em um pequeno grupo. E demoraram um tempo assimilando as diversas possibilidades de contágio dentro da cadeia criada na atividade. Aproveitei o momento para ressaltar que durante a aula eles demonstraram medo e asco em relação as doenças com sintomas mais evidentes, como corrimentos, verrugas e feridas e ali naquela situação simulamos a infecção por um agente transmissor que não causa sintomas agudos e teria um prognóstico bem pior se relacionada à algumas patologias com sintomatologia mais evidente. Levá-los a uma reflexão de que a falta de proteção, além de IST's, pode os levar a uma gravidez não planejada, no quanto esse acontecimento social pode ser negativo para o desenvolvimento global equilibrado dos adolescentes podendo ainda adiar ou mesmo comprometer possibilidades futuras na vida acadêmica, pessoal, profissional e familiar.

Tendo em vista os objetivos do projeto, a metodologia seguiu as seguintes fases:

- Foram realizadas rodas de conversas com os alunos abordando a sexualidade e suas vertentes.
- Foi trabalhado com os alunos, ora juntos, ora separados por grupos, buscando a identificação de dúvidas e discussões sobre os temas abordados.
- Aplicação de oficinas e dinâmicas de grupo para avaliar o aprendizado em educação sexual de acordo com os temas de cada aula proposta.
- Aplicação de um questionário de perguntas abertas e fechadas, como pós-teste.

2.5.2 Aplicação do teste pós-oficinas

Para a aplicação e avaliação das oficinas se faz necessário quatro momentos:

- Primeiro momento: Aplicação do pré-teste para verificação dos conhecimentos sem aula teórica de nivelamento.
- Segundo momento: Aulas teóricas para nivelamento do conhecimento dos participantes.
- Terceiro momento: Atividades práticas para nivelamento do conhecimento dos participantes.
- Quarto momento: Aplicação do pós-teste após aulas teóricas e oficinas.

3. CAPÍTULO III – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esse estudo teve o intuito de desenvolver durante a fase de encontros e atividades o aprimoramento dos conhecimentos sobre os temas objetos da pesquisa, utilizando-se, para tanto, estratégias pedagógicas, tais como: oficinas, dinâmicas, aulas expositivas e debates em sala de aula.

No tocante ao conceito da sexualidade, dentre as respostas surgidas da aplicação do pré-teste, as três que apresentaram maiores prevalências foram referentes aos alunos que entendem que a sexualidade envolve principalmente transformações que ocorrem no corpo a partir da puberdade, com 68,4%. Em seguida, os que entendem que a sexualidade envolve manifestações de carinho, com 47,4% e, finalmente, os que consideram que a sexualidade é o simples ato de fazer sexo, com 36,8% (Tabela 1).

Por outro lado, as respostas menos citadas pelos alunos foram “as sensações de prazer do corpo, ao tomar um banho de piscina, fazer atividades físicas, comer sua sobremesa favorita e ainda assistir um bom filme”, com 73,7%, seguida por “uma energia que nos motiva a procurar amor, contato, afeto, intimidade, que se integra no modo de como sentimos, movemos, tocamos e somos tocados”, com 63,2% e, por fim, que a sexualidade se relaciona ao “uso de métodos contraceptivos e com as infecções sexualmente transmissíveis”, com 52,6% (Tabela 1).

Tabela 1: Prevalência das respostas relativas ao conceito de sexualidade no pré-teste aplicado aos alunos do oitavo ano da Escola Serafim da Silva Salgado, 2018 (Questão 1).

Três respostas mais marcadas	(%)
Transformações que ocorrem no corpo a partir da puberdade	68,4
Manifestação de carinho	47,4
É ato de fazer sexo	36,8
Três respostas menos marcadas	(%)
Sensações de prazer do corpo, ao tomar um banho de piscina, fazer atividades físicas, comer sua sobremesa favorita e ainda assistir um bom filme.	73,7
É uma energia que nos motiva a procurar amor, contato, afeto, intimidade, que se integra no modo de como sentimos, movemos, tocamos e somos tocados.	63,2
Métodos contraceptivos e infecções sexualmente transmissíveis.	52,6

De certo modo, esses resultados podem ser vistos como aceitáveis diante da fase da

pesquisa em que foram obtidos (realização do pré-teste) e tendo em vista o nível de conhecimento dos alunos acerca da sexualidade. Consequentemente, observou-se uma verdadeira inversão de valores nas respostas, nas quais as respostas certas foram pouco citadas e as respostas erradas foram as escolhidas. Esses dados nos revelam que, como o tema sexualidade é abordado através do conteúdo programático das escolas, os alunos demonstraram profundo desconhecimento dos termos sobre sexualidade.

O tema sexualidade só é abordado, sistematicamente, a partir do oitavo ano, quando passa a ser, formalmente, um conteúdo presente nos livros didáticos da disciplina de ciências, fazendo parte da organização curricular. Contudo, apenas os aspectos anatômicos e fisiológicos são enfocados, com ênfase no aparelho reprodutor masculino e feminino. Esse enfoque é limitado, pois a sexualidade não se resume às partes genitais, à gravidez ou às IST's. O aprofundamento do tema fica, portanto, a critério do professor (LOURO, 2014). Estudos revelam que a escola e, também a família, se mostram pouco preparados para abordar questões das manifestações sexuais de crianças e adolescentes (SILVA, 1997). A orientação sexual dentro da escola se articula como um processo de promoção da saúde, e essa deve ser promovida de forma duradoura (NICOLLI, 2001).

Na abordagem da opinião dos alunos sobre a sexualidade se notou que o maior percentual encontrado foi entre os que acreditam que a sexualidade é sinônimo de relação sexual, com 84,2%. Houve também os que concordaram que o ato sexual dos indivíduos é apenas uma das manifestações da sexualidade, com 73,7% das respostas. Outra questão importante, a que relacionou cultura e religião com a sexualidade, mostrou que, para 68,4% dos alunos, essa não é influenciada por aquelas (Tabela 2).

Esses resultados, nos quais a grande maioria dos respondentes relacionou o termo sexualidade com a palavra sexo, vêm confirmar o senso comum. Conforme abordado por Santos e Araújo (2009), a sexualidade é, na grande maioria das vezes, compreendida numa linearidade – sexo, gênero e sexualidade, determinados pela biologia e a heteronormatividade predomina, a qual defende que só a heterossexualidade é válida, negando assim as diversidades sexuais e de gênero.

No tocante às questões relativas ao conhecimento do corpo e à biologia, notou-se baixas médias de acerto principalmente em relação à fisiologia feminina, que se situaram na casa dos 30% para perguntas envolvendo a menstruação e a ovulação. É interessante observar que questões similares apresentaram resultados bastante diferentes, como ocorreu com em torno das afirmações que “os óvulos são produzidos nos ovários desde a puberdade até à

morte”, que revelou média de acertos de 36,8% e “os espermatozoides são produzidos nos testículos desde o nascimento até à morte”, que obteve média de acertos de 63,2% (Tabela 3).

Tabela 2: Opinião dos alunos da Escola Serafim da Silva Salgado sobre sexualidade na fase de pré-teste.

Itens:	Concordo (%)	Não concordo (%)
Sexualidade é sinônimo de relação sexual.	84,2	15,8
A sexualidade inicia-se na adolescência e termina na terceira idade.	57,9	42,1
A puberdade inicia-se sempre aos dez anos.	15,8	84,2
Aos treze anos todos os jovens, por sexo, têm os caracteres sexuais secundários igualmente desenvolvidos.	52,6	47,4
A puberdade inicia-se, geralmente, mais cedo nas meninas.	78,9	21,1
O ato sexual dos indivíduos é apenas uma das manifestações da sexualidade.	73,7	26,3
A cultura e a religião das pessoas influenciam a sua sexualidade.	31,6	68,4
Os indivíduos do sexo masculino vivem a sexualidade de forma diferente dos indivíduos do sexo feminino.	57,9	42,1

Para Santos e Araújo (2009), é comum entre os profissionais da educação um posicionamento, se não oposto, pelo menos neutro, quando se trata da abordagem do tema sexualidade na escola. Isso se justifica na maioria das vezes pela falta de conhecimento ou até mesmo por valores pessoais ou mesmo o receio de que a abordagem desse assunto seja interpretada pela família e pela comunidade de forma negativa. Desse modo, a informação muita das vezes não chega aos alunos.

Em virtude da presença de diferentes concepções sobre a Educação Sexual, torna-se importante e decisivo o papel do/a educador/a na elaboração de atividades que estejam diretamente associadas ao pleno desenvolvimento humano. Percebe-se que além da transmissão de importantes conceitos científicos sobre o assunto, deve o/a professor/a criar momentos que levem à reflexão e questionamento dos assuntos tratados (LOURO, 2016). Sabe-se que o questionamento sobre a Sexualidade Humana pode colaborar para que os

alunos sejam capazes de se tornarem críticos e reflexivos a respeito da vivência de sua sexualidade como forma de prazer e desenvolvimento humano (LOURO, 2014).

Tabela 3: Respostas dos alunos do oitavo ano da Escola Serafim da Silva Salgado sobre aspectos biológicos da sexualidade na fase de pré-teste e média de acertos no pré e pós teste.

Questões	Acertos (%)	Gabarito
A partir da puberdade a higiene deverá ser feita com mais regularidade.	5,3	F
As diferenças corporais são as únicas diferenças que existem entre rapazes e moças.	10,5	F
Uma menina menstruada não deve lavar a cabeça.	89,5	F
O ciclo menstrual é o período que decorre entre o 1º dia de uma menstruação e o 1º dia da menstruação seguinte.	31,6	F
Uma menina com 13 anos, a quem ainda não veio a menstruação, não corre o risco de engravidar se tiver uma relação sexual não protegida.	31,6	F
O tamanho do pênis é importante para a relação sexual	47,4	F
Uma menina pode engravidar se tiver relações sexuais desprotegidas durante a menstruação.	68,4	V
A menstruação consiste numa hemorragia resultante da descamação da parede interna do útero (endométrio).	84,2	V
Os óvulos são produzidos nos ovários desde a puberdade até à morte.	36,8	F
A mulher depois da menopausa não pode engravidar.	52,6	V
Os espermatozoides são os gametas masculinos.	94,7	V
Os espermatozoides são produzidos nos testículos desde o nascimento até à morte.	63,2	V
Um dos primeiros sinais de que se está grávida é a ausência da menstruação.	68,4	V
Durante a gravidez a mulher continua a ovular.	63,2	F
Média de acertos pré-teste	9,4	-
Média de acertos pós-teste	11,15	-

Leão (2009) afirma ser necessário que os temas transversais sejam inseridos de forma eficaz no conteúdo pedagógico e para que isso possa ocorrer é fundamental que os docentes

passem a ter preparo sobre os mesmos, tanto em seus aspectos de conteúdo quanto metodológicos.

Tabela 4: Respostas dos alunos do oitavo ano da Escola Serafim da Silva Salgado sobre as IST's e gravidez, na fase de pré-teste, 2018.

Questões	(%)	Gabari to
As IST's (infecções sexualmente transmissíveis) são infecções transmitidas unicamente por contato sexual.	21,1	F
Quem tem boas companhias não tem que se preocupar com as IST's.	68,4	F
O preservativo (camisinha), quando usado corretamente, protege das IST's e previne a gravidez.	84,2	V
A pílula anticoncepcional deve ser iniciada no 1º dia da menstruação.	26,3	V
A pílula tem efeito contraceptivo a partir do 1º mês em que se começa a tomar.	26,3	F
Situações de vômitos e/ou diarreia nas 3 horas a seguir à ingestão habitual da pílula, diminui a eficácia contraceptiva da pílula.	47,4	V
Quando a mulher toma a pílula, o homem não precisa de usar o preservativo.	57,9	F
Atualmente, a relação sexual não protegida não é problemática uma vez que se pode recorrer, sempre que necessário, à contracepção de emergência (pílula do dia seguinte).	26,3	F
A contracepção de emergência só pode ser feita até 48h após a relação sexual desprotegida.	68,4	V
O preservativo é um método contraceptivo só disponível para homens.	73,7	F
O espermicida é um método contraceptivo tão eficaz quanto o preservativo.	52,6	F
A mulher que pretende iniciar a vida sexual, como contracepção, pode tomar a pílula contraceptiva indicada por uma amiga.	36,8	F
A aparência da pessoa diz-nos se ela é ou não portadora de uma IST's.	63,2	F
O preservativo deve ser retirado com o pênis ainda ereto, logo após o orgasmo.	68,4	V
Na primeira relação sexual desprotegida não há risco de engravidar.	63,2	F
O uso de dois preservativos protege mais que um.	31,6	F
O preservativo deve ser colocado assim que o pênis estiver ereto e antes de qualquer contato sexual.	89,5	V
Média de acertos – pré-teste	10,18	
Média de acertos – pós teste	15,27	

Para Figueiró (2006), a ação de formação nessa área conduzirá a escola a percorrer seus primeiros caminhos e ao perceberem seus despreparos muitos docentes irão se

sensibilizar com a falta de conhecimentos em relação ao tema e, assim, conscientes de suas deficiências pedagógicas, serão impulsionados a buscar mais conhecimentos e formação apropriada. Tanto os pequenos êxitos obtidos quanto as grandes dificuldades nesse campo servirão de estímulo e incentivo para o prosseguimento dos professores.

O melhor desempenho nesse conteúdo do questionário surgiu quando se abordou a utilização dos preservativos, masculino e feminino, com percentuais de acerto superiores aos 70% (Tabela 4).

Muitos dos alunos ainda desconhecem o que possivelmente já foi abordado em sala. Pode-se dizer que muitas dessas respostas são a expressão de falsos conceitos e compreensão distorcida, principalmente decorrente de mitos e tabus (CANO; FERRIANI; GOMES, 2000) ou decorrentes do fato de que os professores não abordam o conteúdo de forma mais promissora.

Para Silva (1997), a não formação adequada dos pais e professores como educadores sexuais, leva a educação sexual a se caracterizar como pseudoliberalidade sexual, que só ajuda na proliferação de novas dificuldades aos jovens, visto que isso só aumenta a confusão e a insegurança dos mesmos. A ausência de diálogo entre educadores e educandos, impossibilita que as informações úteis e mais significativas para a juventude cheguem ao conhecimento de pais e professores.

Guimarães (1995), afirma que se os professores não trabalham a temática com segurança ou se sentem constrangidos ao falar sobre sexualidade em sala de aula, a aula não acontece. Assim, o autor traz a favor da sistematização das aulas sobre sexualidade, com recursos que facilitem a aprendizagem sobre o tema, sejam dinâmicas, ou um bate papo com os alunos. Segundo Boruchovitch (1992), os adolescentes são mal informados sobre métodos contraceptivos, mas a maioria deles pode identificar pelo menos um deles; geralmente, as meninas sabem mais sobre o uso de anticoncepcionais que os garotos.

É importante ressaltar que o desconhecimento sobre a sexualidade e a saúde reprodutiva faz com que as adolescentes engravidem “sem querer”; muitas acabam engravidando por duvidar de sua fertilidade ou mesmo para provar sua heterossexualidade (HERCOWITZ, 2002). Traiman et al. (2003) mostraram que os adolescentes têm concepções erradas sobre a transmissão das DST/aids e muitas vezes eles se enganam com a aparência saudável do parceiro. No caso do HIV, vírus causador da Aids, o número de novos casos anuais no país subiu quase 140% entre 2007 e 2017 (de 6.862 para 16.371), de acordo com o último relatório da UNAIDS (2017), programa das Nações Unidas contra a Aids. No Brasil, dados do Ministério da Saúde divulgados também em 2017, mostram que a prevalência do

vírus na população é de 54,6% - sendo que 38,4% apresentaram presença do HPV, de alto risco para a progressão para o câncer (BRASIL, 2017).

Devido ao baixo percentual de acertos dos alunos durante o pré-teste, fica demonstrada a dificuldade de abordar o assunto está nas escolas. Muitos professores não têm preparo para desenvolver os assuntos que envolvem a temática da sexualidade em sala de aula e preferem ignorar que a escola seja um local importante de educação para sexualidade. Segundo Figueiró (2006), durante o processo de formação profissional dos docentes é comum não haver o devido preparo para a análise e discussão da Sexualidade Humana no ambiente escolar.

Considerando o resultado da média dos acertos obtida no pós-teste, que foi de 15,27, fica demonstrado que o ensino adotado nas oficinas se mostrou eficaz no aprendizado e que as atividades promovidas facilitaram a articulação de raciocínio através da relação que se procurou estabelecer entre os conceitos abordados e outros desconhecidos ou já observados na natureza e no dia-a-dia. Muitos dos alunos participantes manifestaram satisfação por compreender conceitos relacionados às suas vidas.

A oficina, no sentido que se quer atribuir, pode representar um local de trabalho em que se buscam soluções para um problema a partir dos conhecimentos práticos e teóricos. Tem-se um problema a resolver que requer competências, o emprego de ferramentas adequadas e, às vezes, de improvisações, pensadas na base de um conhecimento. Requer trabalho em equipe, ação e reflexão (MARCONDES, 2007).

Neste sentido, destaca-se a importância de proporcionar aos adolescentes espaços para a discussão e orientação sobre sexualidade, incluindo a questão dos mitos e tabus de forma dinâmica e participativa. A realização de oficinas de educação sexual nas escolas, pelos profissionais da Educação, possibilita resultados positivos, uma vez que essa metodologia pode favorecer mudanças comportamentais entre os adolescentes pela troca e vivência diárias (BRÊTAS; SILVA 2005).

Durante as oficinas nas breves conversas com os estudantes, percebeu-se que eles têm um conhecimento dos métodos contraceptivos e preventivos, também conheciam a camisinha masculina e já tinham visto a camisinha feminina através das palestras ministradas pelos profissionais da área de saúde, em projetos escolares, a pílula algumas adolescentes se referiram a ela como remédio. Diante do exposto, os adolescentes acreditam que os temas sobre sexualidade devem fazer parte dos conteúdos da escola tornando assim, conhecedores dos seus próprios desejos e direitos que muitas vezes são vedados por pais e professores.

Quando a questão abordou a quem os alunos mais recorreram quando tiveram dúvidas em relação a sexo e sexualidade, a resposta que mais se destacou foi a figura da mãe e a *internet*, cada uma representando mais de 18% das respostas, sendo seguidas pelos personagens pai e namorado (a), com cerca de 14% cada, pelos amigos, com cerca de 12%, por outros familiares e professores que, somados, atingem perto de 16%. Diante desses resultados, observa-se que a família tem se constituído na principal fonte de informação acerca da sexualidade que os jovens procuram (Figura 1).

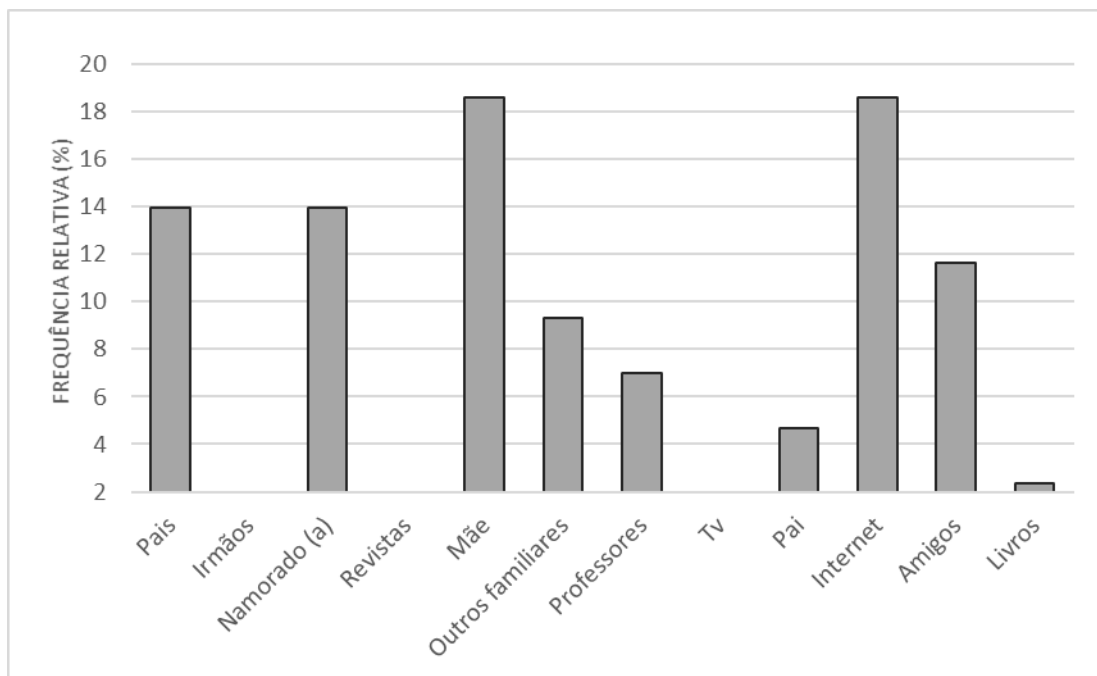


Figura 1: Frequência do maior grau de prioridade dada pelos alunos da Escola Serafim da Silva Salgado na busca de esclarecimento de suas dúvidas sobre sexualidade.

Segundo Vilar (2003), os pais assumem primordial importância no processo de aprendizagem dos jovens ao nível dos comportamentos sexuais. Os pais são aqueles com quem os jovens estabelecem os primeiros contatos e intervêm quer ao nível do estabelecimento dos papéis sexuais, quer ao nível da estruturação de uma escala de valores no que concerne ao corpo e aos comportamentos eróticos. Uma atitude (positiva ou negativa) dos progenitores face aos comportamentos sexuais irá também influenciar positiva ou negativamente a abertura dos adolescentes face à sexualidade.

Sendo múltiplas as problemáticas ao redor da sexualidade, são também múltiplas as fontes de informação a que os jovens podem recorrer para ver esclarecidas as suas dúvidas acerca dessas problemáticas. As mais comumente citadas foram: os amigos/grupo de pares; os

meios de comunicação; a família e a escola (SPRINTHALL; COLLINS, 1994; COSTA, 2003). Apesar da diversidade de fontes possíveis nem sempre a informação obtida é útil ou pertinente, pois, segundo Roque:

A maioria dos jovens tem sido preparada para a vida sexual adulta pela ignorância, pela auto-formação através das leituras da Crônica Feminina em voga na sua época ou pela permuta de experiências no seu grupo de pares, igualmente (não) formados (ROQUE, 2001).

No sentido inverso, quando responderam por ordem de prioridade quem menos procuravam para o esclarecimento de suas dúvidas sobre sexualidade, os livros e revistas foram os mais citados, somando cerca de 26%, seguidos pelos assistentes de saúde, *internet* e outros familiares, com 15% cada. Professores, com 11%, os amigos, com cerca de 8%, os pais (pai e mãe), o pai e a TV, com cerca de 4% cada, fecham a lista (Figura 2).

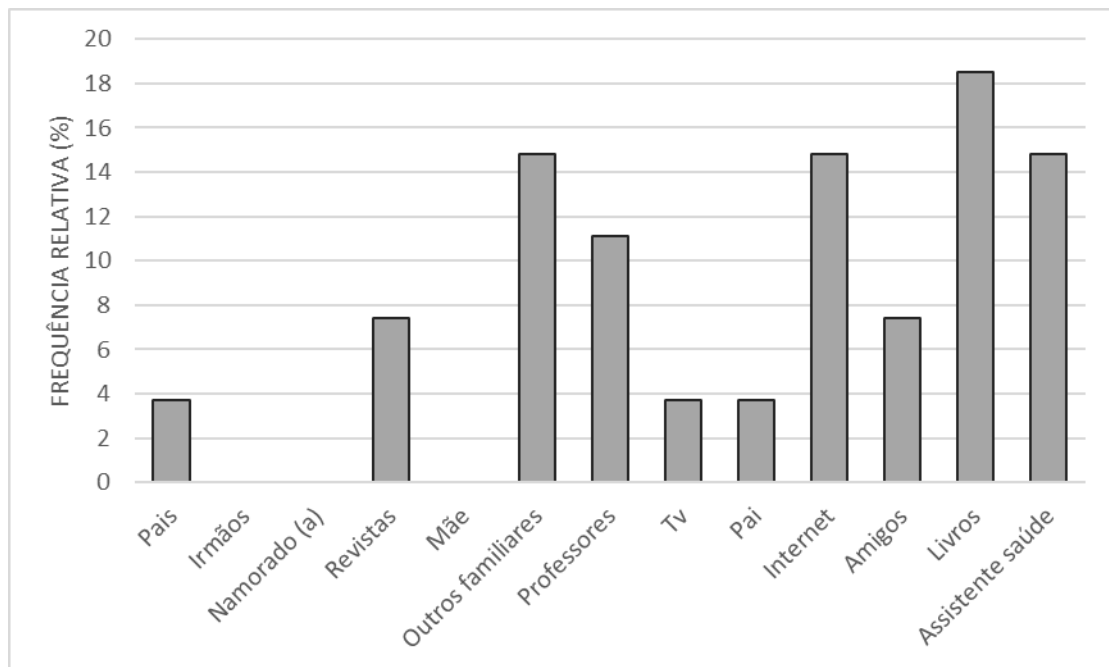


Figura 2: Frequência do menor grau de prioridade dada pelos alunos da Escola Serafim da Silva Salgado na busca de esclarecimento de suas dúvidas sobre sexualidade.

Guimarães, Vieira e Palmeira (2003) afirmam que devido à falta de oportunidade de conhecer melhor sobre sexualidade e contracepção em casa, o adolescente busca outros meios como a *internet*, jornais e televisão, entre outras fontes. Louro (2016) afirma que os educadores pensam que, ao deixarem de abordar os “problemas sexuais” em sala de aula, a Sexualidade Humana ficará do lado externo da escola, além dos seus muros. Por isso,

conforme afirma a autora, é necessário que a escola não apenas reproduza ou venha a refletir as concepções tradicionais sobre gênero e sexualidade que há atualmente na sociedade, mas, também, que ela própria venha a elaborá-la. Muitas das vezes os adolescentes precisam de informações e das fontes certas para se ajudar e se proteger. Isso ocorre porque, quando eles não têm nenhum conhecimento ou qualquer coisa, eles recorrem à mídia ou às vezes à pornografia para obter informações, já que em muitas das vezes, seus pais não estão abertos o suficiente sobre sexo.

Tabela 5: Resultados obtidos no pré e no pós-teste sobre sexualidade entre alunos do oitavo ano da Escola Serafim da Silva Salgado, 2018.

Sexo	Idade	Pré-teste		Pós-teste	
		f (Acertos)	%	f (Acertos)	%
M	13	6	60	7	70
M	14	5	50	7	70
M	13	6	60	8	80
F	13	5	50	5	50
M	14	4	40	8	80
F	13	5	50	7	70
F	14	3	30	4	40
F	13	3	30	5	50
M	14	3	30	6	60
F	13	2	20	5	50
M	14	2	20	10	100
F	13	2	20	9	90
F	14	3	30	10	100
F	14	3	30	10	100
M	14	3	30	10	100
M	13	6	60	9	90
M	14	4	40	9	90
M	13	3	30	9	90
F	13	4	40	6	60
Média		3,74	37,4	7,63	76,3
Teste t		t = -5,59		p < 0,05	
GL=18					

No pré-teste, a média de acertos foi de 3,74 (Tabela 5), o que representou apenas 37,4% do total das questões formuladas. Ao se comparar os resultados obtidos entre o pré e o pós-teste, se observou que, embora alguns alunos apresentassem desempenho muito semelhante, outros mostraram acentuada melhora no nível de conhecimento.

De qualquer forma, por ocasião do pré-teste, dezesseis alunos obtiveram um aproveitamento de até 50%, sendo que apenas três superaram esse patamar, porém sem

ultrapassar os 60%, ou seja, um desempenho de ruim para moderado ao se considerar a totalidade do grupo.

A avaliação do pós-teste apontou para o fato de que apenas um aluno manteve o mesmo patamar alcançado no pré-teste, atingindo, em ambos, 50% de acertos. Os demais participantes evoluíram no sentido da melhora do desempenho, 13 deles alcançando nível igual ou superior aos 70%, dois de 60% e três com acertos de 50% e menos. Cabe ressaltar o fato de que seis dos participantes evoluíram de forma brilhante do pré para o pós-teste, obtendo notas medíocres no primeiro (2 e 3) e notas elevadas no segundo (9 e 10), contribuindo de modo consistente para a elevação da média do pós-teste. Dentro desse subgrupo, a melhoria do desempenho oscilou entre 60 e 80%.

A análise estatística (Teste *t* de *student*) realizada para a comparação entre as médias obtidas nos dois testes revelou uma diferença estatística altamente significativa, tendo em vista a média do pré-teste (3,74) e a do pós-teste (7,63), com valores de $t = -5,59$, para $p < 0,05$.

Esses resultados vêm corroborar de que o aprendizado dos alunos foi otimizado a partir da realização das oficinas, das atividades propostas e dos debates em sala de aula. Nogueira et al. (2016), afirmaram que os materiais de apoio são importantes instrumentos e sua utilização contribui no processo de ensino e uma melhor aprendizagem, se tornando necessário, porém, que o professor estabeleça um propósito, procure aproveitar as possibilidades didáticas e esteja atento às demarcações que o material apresenta, na medida em que o material didático atenda a aprendizagem na qual o aluno possa questionar/refletir, debater/dialogar/, experimentar, investigar, buscar respostas e não apenas absorver informações prontas e acabadas.

Com relação a atividade de educação para a sexualidade na Escola (Questão 4), cerca de 90% dos respondentes admitiu receber algum tipo de informação referente a educação sexual, sendo que 52% deles classificaram a qualidade desse ensino oferecido como boa (Questão 5), e, como era de se esperar, a disciplina de Ciências foi apontada por 84% dos alunos como sendo a responsável por essas informações (Questão 6), com o Português sendo apontado em segundo lugar com 16% de citações como tendo desempenho voltado para essas atividades dentro da Escola (Tabela 6).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), os temas transversais não constituem disciplinas novas. Leão (2009) explica que esses parâmetros apontam a possibilidade da articulação entre todas as disciplinas "clássicas" (Biologia, Matemática,

Geografia, entre outras), para abranger diferentes temas, tais como: ética, saúde, meio ambiente, estudos econômicos, pluralidade cultural e

Tabela 6: Manifestação dos alunos do oitavo ano da Escola Serafim da Silva Salgado quanto à Educação para a Sexualidade desenvolvida na Escola, 2018

Perguntas:	Respostas
Você recebe educação para a sexualidade na escola? () Sim Não ()	Sim = 89%
Como você classificaria a educação para sexualidade ofertada pela escola? a) Ruim c) Boa b) Regular d) Muito boa	Boa = 52% Regular = 21%
Qual disciplina ofereceu ou oferece educação para sexualidade?	Ciências = 84% Português = 16%

orientação sexual, temas esses intitulados transversais. Embora os PCN's preconizem a abordagem da educação sexual com a transversalidade e a interdisciplinaridade, de acordo com os resultados desse estudo, a realidade das práticas permanece centrada nessas disciplinas (BRASIL, 2000). Vilar (2003) refere que já existem muitas escolas que conseguiram integrar de modo mais ou menos regular os projetos de educação sexual, que já há muitos docentes que procuram colmatar falhas na sua formação ao nível de educação sexual com ações de formação. Todavia, na ótica desse autor, a educação sexual em contexto escolar perde eficácia porque enfatiza essencialmente a dimensão procriativa da sexualidade, mas

(...) completamente dissociada da dimensão relacional da sexualidade humana, como se, por exemplo, a fecundação acontecesse fruto de um encontro casual e inexplicado entre um espermatozoide e um óvulo, e não no contexto de uma relação humana extremamente significativa (VILAR, 2003).

Para avaliar o conhecimento dos alunos sobre anatomia do aparelho reprodutor masculino e feminino, conteúdo que faz parte da estrutura curricular da turma, foi realizado uma atividade com ilustrações em que o estudante tinha que enumerar de acordo com o item correspondente no pré e pós-teste.

Sendo que no teste realizado após a aula de nivelamento eles utilizaram o texto de apoio de Magalhães (2011, p. 203 a 206), como já descrito no método. Os resultados encontrados corroboram a eficiência das oficinas, pois se observa um relevante aumento no

percentual de acertos, onde no pré-teste se observou uma média de acertos de cerca de 18%, que evoluiu para além dos 80% no pós-teste.

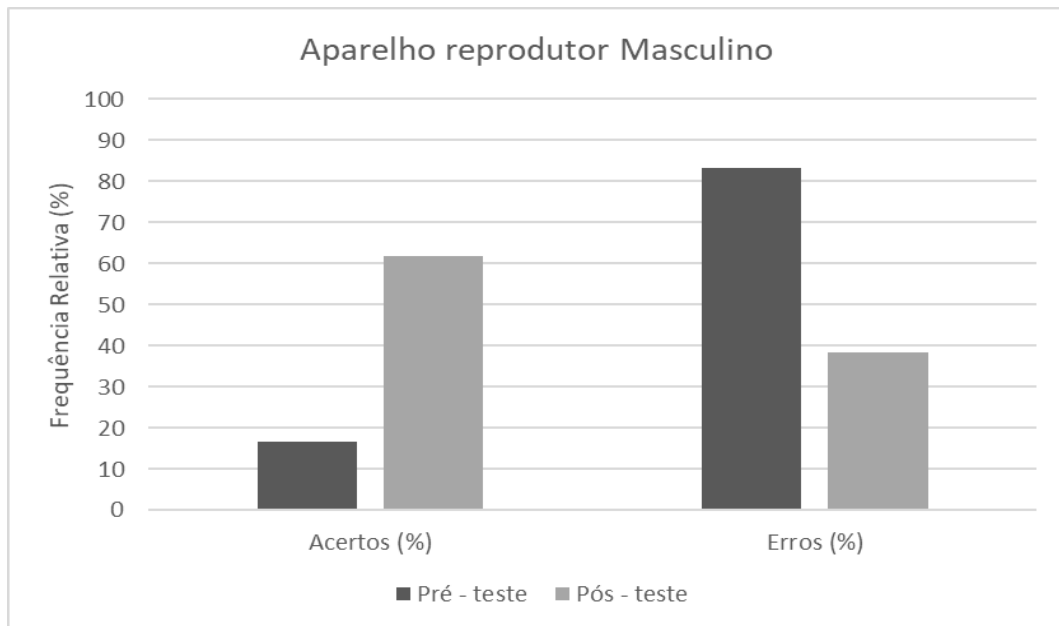


Figura 3: Respostas dos alunos sobre o conhecimento curricular do aparelho reprodutor masculino, na fase pré-teste e pós - teste, 2018.

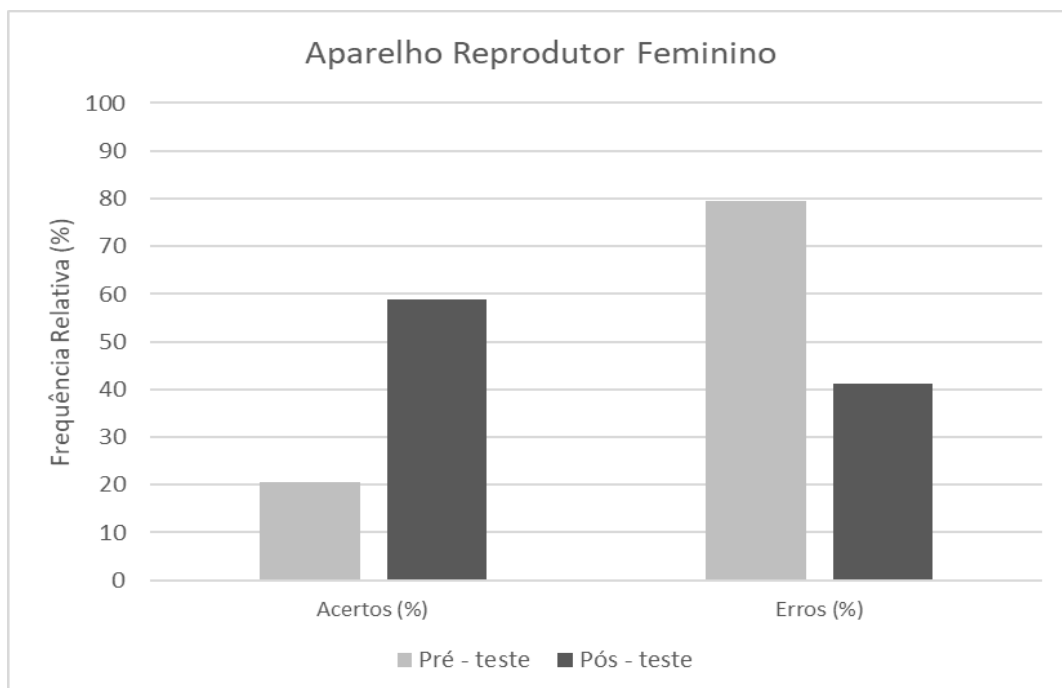


Figura 4: Respostas dos alunos sobre o conhecimento curricular do aparelho reprodutor feminino na fase de pré-teste e pós-teste, 2018.

O sentido inverso foi constatado na prevalência dos erros, onde a prevalência de no pré-teste, de cerca de 60%, caiu para cerca de 40% no pós-teste (Figuras 3 e 4).

Tabela 7: Respostas dos alunos sobre a vivência das experiências sobre educar para sexualidade, definindo com suas palavras o que entendem por sexualidade (Pergunta aberta utilizada apenas no pós-teste).

Alunos	Respostas
1	O que mais aprendemos foi a se prevenir em relação sexual e como é o nosso corpo sexual.
2	Sexualidade é tudo aquilo que te faz sentir prazer, desde o teu nascimento.
3	Sexualidade e prazer não é só fazer sexo, e sim, em sentir prazer em fazer as coisas que a gente gosta.
4	Sexualidade não é apenas só sexo, e sim aquilo que fazemos e sentimos prazer, exemplo: ir no banheiro, comer alguma coisa que gostamos, entre outros.
5	Desde quando nascemos a sexualidade está presente, tudo aquilo que te faz sentir prazer, felicidade.
6	A sexualidade está relacionada a vida, sensações, sentimentos e emoções relacionadas ao prazer.
7	Sexualidade é você sentir prazer em fazer alguma coisa.

O questionário foi de grande importância para o investigador, visto que se pode recolher informações sobre determinados temas. Além disso, a facilidade com que se interroga um elevado número de pessoas num espaço de tempo relativamente curto é uma grande vantagem nesse tipo de aplicativo em uma pesquisa acadêmica. Ao analisarmos algumas respostas para a pergunta aberta que foi inserida apenas no pós-teste sobre o conceito de “sexualidade” (Tabela 7), podemos observar que os alunos mudaram a ideia de que a sexualidade se refere apenas a relações sexuais. Notamos que associaram a palavras, tais como: “prazer nas coisas que gosta”, “sexualidade está presente em tudo” e “sexualidade está relacionada a sentimentos, emoções”. Demonstrando assim, o papel dessas informações na vida desses adolescentes e quebrando certos paradigmas e conceitos pré-moldados sobre o tema.

No desenvolvimento de atividades em parceria com as escolas, uma questão que se impõe frequentemente tem a ver com o distanciamento entre os avanços teóricos/metodológicos acadêmicos/universitários e a prática pedagógica que acontece no contexto escolar. Percebe-se um fenômeno semelhante entre as orientações oficiais–

divulgadas pelas instituições dos governos – e o cotidiano da sala de aula. Temos a impressão, por vezes, de que são dois caminhos paralelos, que nunca se cruzam: por um lado, os cientistas e pesquisadores, com suas investigações e achados; por outro, os professores, com suas atividades diárias de ensino. Cada um olhando para seu próprio mundo.

As experiências dos alunos, relativas à sexualidade parecem modeladas pelas vivências sociais, pelas famílias, pela escola, pelas religiões, pela cultura dos grupos entre outras. É preciso atentar que os mecanismos disciplinares aplicados por quem exerce o poder: “[...] permitem o controle minucioso de operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade – utilidade são o que podemos chamar as disciplinas” (FOUCAULT, 1985).

Abordar a sexualidade como orientação educativa no âmbito escolar requer que a formação e atualização a seu respeito seja contínua e possibilite um trabalho progressivo com os sujeitos em questão (ALTMANN, 2003). Uma educação transformadora, numa perspectiva emancipadora, contribui na transformação do conhecimento pela reflexão, pelo questionamento e diálogo em meio aos conflitos existenciais e sociais em que cada sujeito está inserido, para se tomar autônomo na produção do conhecimento capaz de melhorar a vida (BERALDO, 2003).

Particularmente, as aulas das disciplinas de Ciências Naturais abordam mais diretamente conteúdos e conceitos sobre o corpo humano e suas relações, proporcionando um meio mais presente para tratar da sexualidade e da educação sexual. As mudanças comportamentais, físicas e neurológicas, observadas na adolescência, são importantes na educação sexual e ocorrem no corpo humano, que é estudado em ciências. Assim, os professores têm mais facilidade de iniciar um diálogo sobre tais questões, iniciando uma discussão própria de Educação Sexual contextualizada e crítica, voltada para o ensino fundamental.

De acordo com Leão (2009), o papel do professor é muito relevante, pois ele possui contato direto com o aluno, diante desse convívio é possível avaliar as dúvidas, as inquietações e as necessidades do aluno frente a este tema. De todo modo, o docente pode ajudar ou ignorar estas questões. Assim, nos dois casos, esse docente pode estar contribuindo de forma positiva ou negativa à educação sexual do educando (BRAGA, 2009):

Além da própria experiência pessoal, os (as) educadores (as) precisam de uma mudança de atitude, quererem aprender, abrirem-se ao desafio... Necessitam participar de cursos, debates, grupos de estudos, entre

outras atividades de capacitação, possibilitando assim uma troca de experiências entre o grupo profissional. (BRAGA, 2009).

Realizar o trabalho educativo na escola sobre sexualidade é necessário, importante, e requer formação apropriada, que permita tratar do assunto sem receios, favorecendo um desenvolvimento saudável para o educando. Percebemos o quanto que é necessário ao educador ter uma formação continuada que contribua para conduzir o trabalho pedagógico contemplando também a educação. Cabe ao educador ter ética para ser vigilante quanto a transmitir seus valores, crenças e opiniões, uma vez que é seu papel possibilitar ao educando práticas reflexivas, que o levem a desenvolver sua autonomia e assim, ele próprio, eleger seus valores (FIGUEIRÓ, 2009).

3.1 PROPOSTAS PARA A EDUCAÇÃO SEXUAL

Educação Sexual como outros temas, é passível de ser ensinada por todos os professores das várias áreas de conhecimento. A ideia é ser incluída, da 1º a 9º ano, de duas formas:

1) “dentro da programação”: o conteúdo de sexualidade proposto é organizado, planejado e dividido entre os professores de cada série. Pode ser que em uma série sejam os professores de Português, História e Ciências que se consideram capazes e querem ensinar sobre sexualidade dentro de suas próprias aulas. Em outra série, pode ser a professora de Matemática e a de Educação Física, por exemplo. Quando a professora é a única da sala, como acontece nas séries iniciais, necessita se organizar para ensinar os conteúdos estipulados, dentro de algumas áreas do conhecimento, nas quais houver condições de inserir.

2) como “extraprogramação”: todo e qualquer professor, sem planejamento prévio, aproveita uma situação, um fato que acontece espontaneamente, para, a partir daí, ensinar sobre sexualidade ou transmitir uma mensagem positiva sobre o conteúdo, aproveita, enfim, para educar sexualmente (BRASIL 1998,2000).

O objetivo será de que o aluno possa aprender a:

- Discutir sobre as responsabilidades da mulher e do homem na decisão sobre uma gravidez;
- Discutir a importância de, ao iniciar sua vida sexual, se ter a consciência de que a possibilidade de uma gravidez está presente a cada relação sexual, se não for utilizado nenhum método contraceptivo;

- Ter conhecimento sobre o ciclo menstrual; Gametogênese; Higiene e Saúde;
- Compreender as diferentes formas de ser mãe e as expectativas sociais e culturais relacionadas à maternidade;
- Refletir sobre os sentimentos, como o de desconfiança dos homens jovens (negação da paternidade) e rejeição à gravidez;
- Conhecer os órgãos que compõem as genitálias masculina e feminina e suas respectivas funções;
- Ter uma noção básica dos hormônios sexuais produzidos pelo homem e pela mulher.
- De maneira geral, proporcionar aos educandos uma melhor compreensão sobre a sociedade em que vivem, para que assim possam tomar decisões de uma maneira mais bem informada e ficarem mais seguros.

Por fim, destacar a relevância que a educação para sexualidade tem quando implementada nas escolas, ressaltando que sua implementação proporcionará aos adolescentes as informações corretas para que possam fazer escolhas certas para o pleno exercício da sexualidade. Por outro lado, desmistificar que a educação sexual nas escolas promova ou estimule as relações sexuais, visto que com base em vários resultados de pesquisas, a temática se mostra eficaz para o autoconhecimento, reduzindo a taxa de gravidez na adolescência, diminuindo o número de casos de HIV e IST's entre adolescentes e ainda prevenindo violência e abuso sexual, além de estimular a sexualidade adolescente saudável.

3.2 O PRODUTO

O produto proposto tem por base a experiência vivida no presente estudo e consiste na utilização de parte do método, justamente a que está relacionada com as oficinas, estando representado por roteiro adaptado e que poderá ser usufruído pelos professores envolvidos com formação para a sexualidade oferecida nas escolas.

Delizoicov et al., (2002) propõem que uma oficina seja desenvolvida a partir de três momentos pedagógicos: a problematização, a organização e a aplicação do conhecimento. Na problematização, as situações reais, conhecidas e vivenciadas pelos participantes de uma dada temática são apresentadas para que os alunos manifestem suas ideias e concepções a respeito. A meta é problematizar e compartilhar o conhecimento que o grupo possui. Cabe ao professor (a) fomentar uma discussão das respostas, explorar explicações contraditórias e mostrar limitações no conhecimento característico do senso comum. No segundo momento

pedagógico, são apresentados conhecimentos específicos necessários para a compreensão da situação em estudo. Na aplicação do conhecimento, terceiro momento pedagógico, a situação inicial é analisada e interpretada tendo como base as ideias e os conceitos introduzidos e outras situações problemáticas são apresentadas para que os participantes possam aplicar os conhecimentos elaborados. Todo esse processo é muito importante, pois pode permitir que o aprendiz tenha um novo olhar sobre o problema inicial e se sinta capaz de compreender e buscar soluções para outros problemas relacionados aos mesmos conhecimentos científicos (SILVA, 2007).

Nos encontros deverão ser abordados temas relativos à anatomia e fisiologia dos sistemas reprodutivos, tanto do masculino quanto do feminino, a sexualidade nas diversas fase da vida, abordada segundo os seus múltiplos aspectos (bio-psico-social), as infecções sexualmente transmissíveis e a gravidez na adolescência.

Primeiro encontro

Constitui-se de um momento reservado para o conhecimento do grupo e da promoção da interação entre seus membros. Nomes, o que fazem, do que gostam, etc. Esse momento pode ser também utilizado para que faça a construção de um contrato de convivência coletiva, utilizando-se uma dinâmica adaptada de Magalhães (2011), além da aplicação do pré-teste.

Construção do contrato

Tem por objetivo a construção coletiva das regras de convivência, a partir da perspectiva do próprio grupo e estimular as (os) adolescentes a pensar os seus limites de ação durante a convivência por ocasião dos encontros a serem realizados. Essas regras deverão ser construídas sem qualquer imposição por parte da coordenação.

Desenvolvimento

- 1 Será entregue ao grupo a ser trabalhado uma tira de papel com o sorriso verde para que escrevam o que querem que aconteça durante os encontros.
- 2 Cumprida essa etapa cada adolescente lê o que escreveu e cola sua sugestão no papel pardo preso na parede, na coluna “nós queremos que aconteça”.
- 3 Será entregue à turma uma tira de papel com o X vermelho, para que escrevam o que não querem que aconteça.
- 4 Cada adolescente lê o que escreveu e cola sua sugestão no papel pardo preso na parede, na coluna “nós não queremos que aconteça”.

- 5 Será perguntado à turma se já viram um contrato de aluguel, ou de serviços, ou mesmo uma certidão de casamento e se sabiam por que as pessoas assinam contratos e documentos.
- 6 Após roda de conversa sobre cada sugestão, será proposto incluir “propor a eles que assinem o papel pardo: contrato da turma”.

Materiais:

- Um quarto de folha de papel A4 com sorriso, na cor verde, por pessoa;
- Um quarto de folha de papel liso, com um X vermelho, por pessoa;
- Duas folhas de papel pardo: em uma, a frase “nós queremos que aconteça” e, na outra, “nós não queremos que aconteça”;
- Fita adesiva para prender o papel pardo na parede ou no quadro.

Observações

Definir, de comum acordo, a duração do intervalo e em que momento ele irá acontecer (caso haja tempo previsto para intervalo); caso ninguém fale sobre celulares, conversas paralelas e idas ao banheiro, por exemplo, perguntar-lhes como sugerem resolver essa questão e inseri-la no contrato na coluna adequada. É fundamental explicar que os conhecimentos adquiridos durante os encontros são para serem repassados para pessoas fora do grupo. Mas as questões pessoais que alguém queira compartilhar nesse espaço não devem ser comentadas fora do grupo: é sigilo. Sugerimos que esta palavra sigilo seja escrita na coluna “nós queremos que aconteça” após a conversa descrita acima.

Esse material deverá ficar exposto em lugar visível durante todo tempo em que o grupo estiver reunido. Assim, quando alguém fizer algo que contrarie o acordo, a coordenação deve interromper a atividade, ler o item relativo à questão do momento e perguntar à turma como resolver a situação. Dessa forma a coordenação não precisa repreender ou trazer para a si responsabilidade isolada de resolver a questão. A turma se incumbirá disso.

Segundo encontro

Para o segundo encontro sugere-se uma aula expositiva com apresentação em *PowerPoint* do material adaptado da Semina Educativa sobre o conceito de sexualidade e como esta é vivenciada em cada fase da vida, desde a fase intrauterina até a maturidade, que aborda também os conceitos de gênero e identidade de gênero, orientação sexual, prática sexual, sujeito sexual, saúde sexual e reprodutiva, respeito às diferenças e direitos sexuais e

reprodutivos. Para atividade avaliativa será realizada uma dinâmica adaptada de Magalhães (2011), descrita a seguir:

Conceito de sexualidade

Com o objetivo de ampliar e discutir o conceito de sexualidade, enfatizar as duas dimensões da sexualidade: a psicológica e a sociocultural, para além da biológica; perceber que trabalhar o tema da sexualidade sem falar de sexo é uma forma de prevenção de doenças, gravidezes não planejadas, abuso e violência sexual. A dinâmica em questão pode ser trabalhada por diversas disciplinas, contemplando habilidades previstas nos componentes curriculares, por exemplo de língua portuguesa os tipos de frases e classes de palavras, concordância verbal e nominal, verbos e variações de tempos verbais para formação das frases;

Desenvolvimento

O grupo será dividido em quatro subgrupos, onde cada um receberá um conjunto de frases que deverão ordenar:

- Ir à festa.
- Combinar a balada.
- Dançar.
- Montar o *look*.
- Observar outros (as) adolescentes.
- Socializar.
- Arrumar-se.
- Tomar banho.
- Voltar para casa.

Quando todos os grupos terminarem, as ordens escolhidas serão compactadas e observadas as semelhanças e as diferenças.

Ao final será realizada uma roda de conversa sobre o que significa cada frase/ação dentro do universo da adolescência e a sua relação com a sexualidade.

De acordo com a autora, cada frase tem um sentido para a vivência da sexualidade em suas diversas faces:

Combinar a balada – âmbito social no qual a (o) adolescente está inserido e de extrema importância para seu desenvolvimento.

Montar o look – questão de moda que interfere na forma de vestir tanto meninos quanto meninas; a necessidade de se sentir aceita (o) no grupo que passa pelo estereótipo; a questão de gênero: meninas vestem roupas diferentes dos meninos, na maioria das vezes.

Tomar banho - autocuidado; higiene pessoal; autoconhecimento; sensibilidade; o papel do olfato e dos sentidos na sexualidade humana.

Arrumar-se – autoestima; autovalorização; gostar e si; das suas formas; do seu corpo; do direito de ser quem deseja ser; autenticidade; personalidade, diversidade.

Sair de casa – sentido figurado: a (o) adolescente não é mais criança, e agora tem um pouco de independência para andar sobre as próprias pernas, seguir seu caminho, sem a companhia constante dos responsáveis, como era na infância.

Chegar à festa – chegar ao objetivo; alcançar parte do planejado; ansiedade, adrenalina e expectativa de como será...

Observar as (os) outras (os) adolescentes – ver e olhar é o primeiro toque que damos e recebemos, é a primeira forma de contato e é fundamental para as identificações que surgirão no futuro para relacionamentos afetivos.

Dançar – forma de se expressar, de ter prazer, de seduzir e ser seduzida (o).

Socializar – começar a criar vínculos, elos, ligações com novas pessoas que atraem, trocar energia.

Voltar para casa – sentido figurado e literal. Voltar às origens, ao aconchego do lar, lugar onde deve ser seguro (nem sempre o é) e, ao mesmo tempo, o lugar aonde se vai dormir, se alimentar para recomeçar o dia seguinte.

A função do coordenador (a) é sempre perguntar o que significa cada uma das ações escritas em cada frase, por exemplo, “O que significa sair de casa? ”, “ O que significa escolher uma roupa? ”, “Que ideia está embutida ao ato de dançar? ” Assim, estará levando a turma a pensar, refletir o significado de cada ação, ou seja, não estará pensando pela turma (MAGALHAES, 2011).

Atendendo a sugestão de Magalhães (2011), ao final da reflexão sobre a última ação, poderá ser perguntado: “Porque não está incluída a transa nesta atividade? Por que a (o) a adolescente voltou para casa sem chegar aos finalmente? ”. Deixar que a turma pense e responda. Deve-se considerar todas as respostas e complementar as ideias. E pode até ser que alguém consiga perceber e dizer aquilo que é o objetivo principal. O motivo é porque, em um trabalho de sexualidade, quando conseguimos abordar todas estas questões embutidas em cada ação, desenvolvendo atividades que fortaleçam a autoestima das (os) adolescentes,

estaremos facilitando sua formação, autonomia, e independência para tomar decisões acertadas em todos os âmbitos da vida, inclusive o sexual. Mesmo quando não se fala diretamente, explicitamente, sobre sexo, estamos fazendo prevenção às IST'S/HIV e estamos dando um pouco mais de condições as (os) adolescentes refletirem sobre gravidez não planejada, que são as nossas principais preocupações. Por isso não devemos formular perguntas que facilitem essa reflexão e não fazer discursos sobre nossos pontos de vista. Nós já passamos pelo processo de amadurecimento, agora quem precisa percorrer este caminho é a turma, por meio das perguntas que fazemos a ela.

Materiais:

Vários conjuntos de frases dentro de envelopes.

Terceiro Encontro

Prevenção de doenças e cadeia de transmissão das IST's e HIV

Ratificar que a responsabilidade da proteção é individual, ou seja, tanto de meninos como de meninas; estimular a conversa sobre IST's e AIDS no grupo; refletir sobre os sentimentos que envolvem uma situação de contágio do vírus; estimular o autocuidado e a responsabilidade pelos próprios atos; valorizar o prazer sexual com segurança.

Desenvolvimento

O educador inicia ao a atividade fazendo uma explanação sobre as IST's, HIV. Enfatizando as principais IST's, formas de transmissão, agente causador, período de incubação e principais sintomas. Explica em seguida que eles farão um jogo para compreenderem como se dá a cadeia de transmissão dessas infecções por via sexual.

- 1) O educador prepara as fichas marcando três delas com um "C"; três com a mensagem: "Não participe da atividade e não siga minhas instruções até que voltemos a nos sentar"; uma ficha marcada com um "X".
- 2) Nas demais fichas escreve: "Sigam todas as minhas instruções", inclusive nas marcadas com "C" e "X";
- 3) Entrega uma ficha para cada jovem e solicita que guardem segredo quanto às instruções que receberem e as obedçam;
- 4) Em seguida pede para que fiquem de pé e escolham três colegas para assinarem suas fichas;

- 5) Quando todos colherem as assinaturas, pedir que voltem a sentar.
- 6) Diz que a pessoa com a ficha marcada com um “X” fique em pé.
- 7) Pede a todos os que colheram a assinatura da pessoa com a ficha “X” ou que assinaram a ficha “X” que fiquem em pé.
- 8) Pede que agora todos os que trocaram assinatura com o primeiro grupo que se levantou, também fique de pé e assim sucessivamente até que todos menos os alunos que foram solicitados a não participar;
- 9) Peça-os que imaginem que a pessoa marcada com um “X” estava infectada pelo HIV ou uma IST e que ele manteve relações sexuais sem nenhuma proteção, com as três pessoas que assinaram sua ficha e ainda com aqueles que tiveram suas fichas assinadas pelo jovem com a ficha “X”.
- 10) Peça que a imaginem que as pessoas com as fichas que dizem: “Não participe” não mantêm relações sexuais. E, finalmente, as pessoas com as fichas marcadas com “C” usaram camisinha e, portanto, correm menos risco. Estes jovens podem se sentar.
- 11) Para finalizar a atividade o educador diz que tudo foi um exercício e que agora todos devem se sentar e refletir individualmente ou em grupo sobre a sensação de contrair uma infecção pela falta do uso de preservativo.
- 12) Cada aluno ou grupo apresenta sua experiência, o educador faz as complementações necessárias e abre para roda de conversa.

Materiais: fichas e canetas;

Tendo em vista os objetivos do projeto, a metodologia pode ser a seguinte:

- Realização de rodas de conversas com os alunos abordando a sexualidade e suas vertentes.
- Trabalhar os componentes do grupo, ora juntos, ora separados em subgrupos, buscando-se a identificação de dúvidas e discussões sobre os temas abordados.
- Aplicação de dinâmicas de grupo para, enfim, avaliar o aprendizado em educação sexual de acordo com os temas de cada aula proposta.
- Aplicação de um questionário de perguntas abertas e fechadas, como pós-teste.

Após a aplicação do pré-teste, num primeiro momento pode-se utilizar um instrumento diagnóstico por meio do qual os participantes possam realizar um esboço do sistema reprodutivo e as referências correspondentes aos órgãos, obedecendo o conhecimento sobre o assunto.

Os grupos se reunirão, separadamente, para comparar e analisar os padrões produzidos durante o diagnóstico. Cada aluno descreverá a sua representação e, em seguida, serão discutidas as semelhanças e diferenças entre elas, concordando com um modelo comum que atenda as opiniões consensuais. Realizarão ainda um registro das discordâncias. Ao final será discutido e realizado o registro de como eles acreditam funcionar o sistema reprodutivo.

Será reservado um momento para que todos os grupos apresentem suas conclusões, descrevendo, além do modelo, a função dos órgãos do sistema reprodutor, mencionando, por exemplo, quando e onde as células sexuais são formadas, onde os gametas se unem e o percurso que realizam até a união destes. O objetivo deste momento é a declaração dos pontos de vista próprios de cada grupo, bem como o confronto com o conhecimento e interpretação dos pontos de vista dos outros.

Em seguida, propõe-se a leitura de um texto que aborde as estruturas e as funções dos sistemas reprodutivos masculino e feminino. Após a leitura e a discussão em grupo, os alunos retornam à instância individual, sendo-lhes sugerido que executem as modificações necessárias de acordo com o que acreditam importar no seu esquema inicial. Por exemplo, alterando o local ou o tamanho relativo de determinado órgão ou estrutura, de acordo com os dados fornecidos pelo texto ou pelos seus colegas nas discussões em grupo. Em um novo momento eles novamente formarão os grupos iniciais e cada membro apresentará as alterações feitas em seu esquema. Uma nova representação conjunta será elaborada com o grupo. Posteriormente, num acordo geral entre os grupos, um modelo único da representação do aparelho genital masculino e feminino, bem como dos órgãos reprodutores de ambos os sexos, serão apresentados.

Os grupos farão ainda sugestões relativas aos possíveis métodos contraceptivos, baseando-se no que aprenderam e discutiram sobre o sistema reprodutor e as células sexuais. Uma vez expostos os possíveis locais de intervenção de uma gravidez, serão distribuídos entre os grupos os diferentes tipos de dispositivos anticoncepcionais, como por exemplo, DIU, diafragma vaginal, preservativos femininos e masculinos, além de próteses das genitálias masculina e feminina. A intenção será no sentido de que eles formulem hipóteses sobre como e quando o dispositivo deverá ser usado e seu modo de funcionamento. No momento seguinte os grupos apresentarão as hipóteses, uma vez que serão sugeridas situações-problemas, necessárias para que os alunos reformulem as suas respostas.

A proposta final se torna uma instância de reflexão: os alunos são estimulados a refletir sobre as seguintes questões:

- O quão importante é aprender a relacionar o sistema reprodutivo e situações da vida diária;
- Quais conhecimentos ainda não têm e são considerados muito necessários;
- Quais são as consequências de não se ter um conhecimento adequado do assunto ou mesmo a falta deles.

Atividade: Tomada de decisões

Nesse momento será proposto o enquadramento da contracepção dentro de uma perspectiva contextualizada. Tal atividade foi utilizada como atividade de fixação mas podem ser usadas como ferramenta para a avaliação da aprendizagem, podendo ser interessante também como um diagnóstico ou pesquisa de ideias alternativas, tendo como propósito levá-los a refletir e decidir qual o método contraceptivo deve ser usado em cada uma das seguintes condições:

A- Recusa de utilizar um dispositivo no momento da relação sexual e usar um método natural.

B- Um método reversível de máxima eficiência, sem alterar a espontaneidade do ato sexual.

C- Um método que protege contra o HIV e outras doenças sexualmente transmissíveis, como condição básica necessária.

D- Método de alta eficiência em que não é necessário prevenir o HIV mas que seja reversível.

E- Um método que não envolva custos econômicos

F- Um método que não requeira qualquer planejamento e seja reversível.

G- Um método reversível para o casal, eficiência máxima, que não perturbe a espontaneidade do ato sexual e não envolva a presença de um elemento artificial dentro do corpo da mulher.

A proposta didática estará focada na construção de conhecimentos que orientem a adoção de um comportamento sexual responsável, mas sobretudo individualizado e de acordo com as peculiaridades de cada indivíduo ou casal; isto é, tomar decisões bem embasadas sobre suas vidas sexual e reprodutiva e ainda, que os alunos sejam capazes de analisar criticamente todas as consequências de uma relação sexual desprotegida.

Quarto encontro

Sugere-se realizar uma aula expositiva. Na pesquisa a mesma fora realizada com apoio de álbum seriado sobre Planejamento Familiar do Programa de Atenção e Orientação à saúde sexual e reprodutiva. Sugere-se a utilização de material pedagógico que permita a visualização das estruturas dos aparelhos reprodutores masculino e feminino. No estudo fora utilizado o quadro imantado da Semina Educativa, enfatizando os possíveis locais intervenção de uma gravidez.

No segundo momento deve ser feita a distribuição entre os grupos de dispositivos anticoncepcionais, como por exemplo, DIU, diafragma vaginal, preservativos femininos e masculinos e demonstração do uso ambos, além de modelos anatômicos das genitálias masculina e feminina.

Em seguida o educador deverá sugerir que os alunos formulem hipóteses sobre como e quando o dispositivo deverá ser usado e seu modo de funcionamento. No momento seguinte os grupos apresentam as hipóteses, uma vez o coordenador terá que sugerir situações problema e fornecer as informações necessárias sobre cada método para que os alunos reformulem as suas respostas se necessário.

A proposta final se torna uma instância de reflexão: os alunos serão estimulados a refletir sobre as seguintes questões:

- O quão importante é aprender a relacionar o sistema hormonal e reprodutivo, situações da vida diária e atitudes preventivas para a evitar tanto IST's quanto uma gravidez não planejada.
- Quais conhecimentos ainda não têm e são considerados muito necessários;
- Quais são as consequências de não se ter um conhecimento adequado do assunto ou mesmo a falta deles.

Atividade: Tomada de decisões

Atividade adaptada de Meinardi (2005), aqui se propõe enquadrar a questão da contracepção em uma perspectiva contextualizada. Tal dinâmica pode ser utilizada como atividade de fixação ou ainda ser usada como ferramenta para a avaliação da aprendizagem, podendo ser interessante também como um diagnóstico ou pesquisa de ideias alternativas, tendo como propósito levá-los a refletir e decidir qual o método contraceptivo deve ser usado em cada uma das seguintes hipotéticas condições:

- A- Recusa de utilizar um dispositivo no momento da relação sexual e usar um método natural.
- B- Um método reversível de máxima eficiência, sem alterar a espontaneidade do ato sexual.
- C- Um método que protege contra o HIV e outras doenças sexualmente transmissíveis, como condição básica necessária.
- D- Método de alta eficiência em que não é necessário prevenir o HIV, mas que seja reversível.
- E- Um método que não envolva custos econômicos.
- F- Um método que não requer nenhum planejamento e é reversível.
- G- Um método reversível para o casal, eficiência máxima, que não perturbe a espontaneidade do ato sexual e não envolva a presença de um elemento artificial dentro do corpo da mulher.
- H – Método eficaz para contracepção e IST's e que seja de acesso gratuito ou a um baixo custo.

A turma deve ser dividida em grupos e estes recebem duas ou três situações problema (a depender da quantidade de grupos formados) em que devem discutir e encontrar até duas possibilidades de contracepção para cada especificidade destacada. A proposta didática está focada na construção de conhecimentos que orientem a adoção de um comportamento sexual responsável, mas sobretudo individualizado e de acordo com as peculiaridades de cada indivíduo ou casal, estimulando decisões bem embasadas sobre suas vidas sexual e reprodutiva e ainda, que os alunos sejam capazes de analisar criticamente todas as consequências de uma relação sexual desprotegida.

No momento seguinte, cada grupo coloca suas sugestões para cada situação problema em uma roda de conversa que tem como finalidade proporcionar o envolvimento coletivo e a explanação de outras possibilidades pelos demais grupos.

Quinto encontro

Prevenção de doenças e cadeia de transmissão das IST's e HIV

A aula e oficina terão como objetivo ratificar que a responsabilidade da proteção é individual, ou seja, tanto de meninos como de meninas; estimular a conversa sobre IST's e AIDS no grupo; refletir sobre os sentimentos que envolvem uma situação de contágio do

vírus; estimular o autocuidado e a responsabilidade pelos próprios atos; valorizar o prazer sexual com segurança.

Desenvolvimento

A atividade deve ter início com uma explanação sobre as IST's, HIV. No estudo fora utilizado álbum seriado da Semina Educativa que apresenta as principais IST's, formas de transmissão, agente causador, período de incubação e principais sintomas.

No momento seguinte os alunos devem ser informados que farão um jogo para compreenderem como se dá a cadeia de transmissão dessas infecções por via sexual. Tal atividade é adaptada do Jogo de Corpo: Livro do Professor, do Instituto Kaplan, 2014.

O coordenador deverá:

1. Preparar as fichas marcando três delas com um “C”; três com a mensagem: “Não participe da atividade e não siga minhas instruções até que voltemos a nos sentar”; uma ficha marcada com um “X”.
2. Nas demais fichas deverá estar escrito: “Sigam todas as minhas instruções”, inclusive nas marcadas com “C” e “X”;
3. Distribuir uma ficha para cada jovem e solicitar que guardem segredo quanto às instruções que receberam e que as obedeçam;
4. Em seguida orientá-los a ficarem de pé e aleatoriamente escolherem três colegas para assinarem suas fichas;
5. Quando todos colherem as assinaturas orientá-los que voltem a sentar.
6. Recomende que a pessoa com a ficha marcada com um “X” fique em pé.
7. Pedir a todos os que colheram a assinatura da pessoa com a ficha “X” ou que assinaram a ficha “X” que fiquem em pé.
8. Pedir que agora todos os que trocaram assinatura com o primeiro grupo que se levantou, também fique de pé e assim sucessivamente até que todos menos os alunos que foram solicitados a não participar fiquem de pé;
9. Sugira que imaginem que a pessoa marcada com um “X” estava infectada pelo HIV ou uma IST e que ele manteve relações sexuais sem nenhuma proteção, com as três pessoas que assinaram sua ficha e ainda com aqueles que tiveram suas fichas assinadas pelo jovem com a ficha “X”.
10. Solicitar que imaginem que as pessoas com as fichas que dizem: “Não participe” não mantêm relações sexuais. E, finalmente, as pessoas com as fichas marcadas com “C” usaram camisinha e, portanto, correm menos risco. Estes jovens podem se sentar.

11. Para finalizar a atividade, dizer que tudo foi um exercício e que agora todos devem sentar e refletir sobre a sensação de contrair uma infecção pela falta do uso de preservativo. Abrir roda de conversa para que individualmente e em grupo os alunos compartilhem sobre a experiência. Fazer as complementações necessárias e encerrar.

O objetivo é levá-los a uma reflexão de que a falta de proteção, além de IST's, pode os levar a uma gravidez não planejada, no quanto esse acontecimento social pode ser negativo para o desenvolvimento global equilibrado dos adolescentes podendo ainda adiar ou mesmo comprometer possibilidades futuras na vida acadêmica, pessoal, profissional e familiar.

Materiais: fichas e canetas;

Tendo em vista os objetivos do projeto, a metodologia seguiu as seguintes fases:

- Foram realizadas rodas de conversas com os alunos abordando a sexualidade e suas vertentes.
- Foi trabalhado com os alunos, ora juntos, ora separados por grupos, buscando a identificação de dúvidas e discussões sobre os temas abordados.
- Aplicação de oficinas e dinâmicas de grupo para avaliar o aprendizado em educação sexual de acordo com os temas de cada aula proposta.
- Aplicação de um questionário de perguntas abertas e fechadas, como pós-teste.

Aplicação do teste pós-oficina

Para a aplicação e avaliação das oficinas se faz necessário quatro momentos:

- Primeiro momento: aplicação do pré-teste para verificação dos conhecimentos sem aula teórica de nivelamento;
- Segundo momento: aula teórica para nivelamento do conhecimento dos participantes;
- Terceiro momento: atividades práticas para nivelamento do conhecimento dos participantes;
- Quarto momento: aplicação do pós - teste após aula teórica;

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sexualidade está em nossas vidas desde o dia em que nascemos e nos acompanha até a nossa morte. Somos educados por meio de concepções construídas culturalmente que são reproduzidas em espaços sociais como na igreja, na família, na escola, entre outros que influenciam o indivíduo enquanto ser em constante formação.

A escola como instituição integrante do aparato social deve acompanhar as mudanças no mundo e compreender-se como um lugar de mudanças sociais. A escola não é um lugar neutro politicamente para a sexualidade. Mesmo quando as questões sobre o tema não são tratadas na escola, educa-se para tal. Sua falsa neutralidade somente mascara comportamentos e discursos que agem na manutenção de mitos, tabus e informações incorretas.

A educação sexual viabiliza uma abordagem política, emancipatória e combativa. Assim, a educação sexual deve ser um trabalho planejado, organizado, sistematizado, com tempo e objetivos limitados, realizado por um profissional que tenha um conhecimento especializado. Deve facilitar o desenvolvimento da vida sexual, respeitando as diferenças individuais, a liberdade e a espontaneidade. Assim, a educação sexual deve ser intencional e contínua, proporcionando um espaço de reflexões e diálogos conscientizadores.

Existe uma necessidade muito grande da família e a escola trabalharem juntas na educação sexual dos adolescentes. Só o trabalho das famílias já não está sendo suficiente. Porém, essa tarefa não cabe exclusivamente ao professor de Ciências ou Biologia, quando vai estudar os conteúdos sobre os Aparelhos Reprodutores, fecundação e métodos contraceptivos. É importante que a escola toda trabalhe em conjunto, aproveitando as possibilidades que vão surgindo no cotidiano escolar.

No sentido de valorizar a atenção primária ao adolescente, devem ser criadas políticas de educação sexual contínuas, integrais e abrangentes que incluam outros grupos/fases da vida, numa abordagem interdisciplinar que trabalhe além do jovem, a família e os profissionais que os cercam, a fim de assistir com eficácia a saúde reprodutiva e sexual. Contudo, não basta apenas informar, é necessário conhecer o contexto e a perspectiva do público que se pretende educar, além de considerar as experiências e vivências previamente alcançadas por estes.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, H. Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero. **Cadernos pagu**, p. 281-315, 2003.
- BAPTISTA, M. N.; BAPTISTA, A. S.; DIAS, R. R. **Estrutura e suporte familiar como fatores de risco na depressão de adolescentes**. *Psicologia: ciência e profissão*, Brasília: CFP, v. 21, n. 2, p. 52-61, 2001.
- BEARZOTI, P. Sexualidade: um conceito psicanalítico freudiano. **Arq Neuropsiquiatr**, v. 52, n. 1, p. 113-7, 1994.
- BESSA, L. F.; AQUINO, M. C.; FREITAS, F. T. **Saúde da mulher: desafios a vencer**. Rio Branco: Edefac, 2004.
- BERALDO, F. N. de M. Sexualidade e escola: espaço de intervenção. **Psicologia escolar e educacional**, v. 7, n. 1, p. 103-104, 2003.
- BONFIM, C. **Desnudando a Educação Sexual**. Campinas: Papyrus, 2012.
- BRACONNIER, A.; MARCELLI, D.; FERNANDES, M. C. **As mil faces da adolescência**. Lisboa: Climepsi Editores, 1998.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei federal, v. 8, 1990.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual / Secretaria de Educação Fundamental**. 2. ed. DP&A. Rio de Janeiro. 2000.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual**. Brasília: MEC/SFE, 1998, v. 10.6.p. 285-336. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf>> Acesso em 29 novembro 2018.
- _____. Ministério da Saúde. Departamento de IST, Aids e Hepatites Virais. **Tipos de exames**. 2017.
- BORGES, Z. N.; MEYER, D. E. Limites e possibilidades de uma ação educativa na redução da vulnerabilidade à violência e à homofobia. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, v. 16, n. 58, p. 59-76. 2008.
- BRAGA, E. R. M. Sexualidade infantil: a importância da formação de professores (as) na questão de gênero. **Educação no século XXI: múltiplos desafios**. Maringá: EdUEM, p. 129-139, 2009.
- BORUCHOVITCH, E. Fatores associados a não-utilização de anticoncepcionais na adolescência. **Revista de Saúde Pública**, v. 26, p. 437-443, 1992.
- BRÊTAS, J. R. S.; SILVA, C. V. Orientação sexual para adolescentes: relato de experiência. **Acta Paulista de Enfermagem**. v.18, n.3, 2005.

BUSQUETS, M. D. **Temas transversais em educação: bases para uma formação integral**. 5ed, São Paulo: Ática, 1999.

CAMARGO, A. M. F. de; RIBEIRO, C. **Sexualidade(s) e infância(s): a sexualidade como um tema transversal**. São Paulo: Moderna, 1999.

CANO, M. A. T.; FERRIANI, M. das G. C.; GOMES, R. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 8, n. 2, p. 18-24, 2000.

CÉSAR, M. R. A. Gênero, sexualidade e educação: notas para uma “Epistemologia”. **Educar**, n. 35, p. 37-51, 2009.

COSTA, A. L. História da Sexualidade. In: **Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura**, Edição Séc. XXI, v. 26. Lisboa: Editorial Verbo, 2003.

COSTA, R. P. Os onze sexos: as múltiplas faces da sexualidade humana. In: **Os onze sexos: as múltiplas faces da sexualidade humana**. 2005.

COUTINHO, C. P. **Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: Teoria e Prática**. 2. ed. Coimbra: Edições Almedina, 2013.

CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E. **Educação infantil: pra que te quero?**, São Paulo: Artmed Editora, 2009.

DE MORAES, S. P.; DA SILVA BRÊTAS, J. R.; DE SOUZA VITALE, M. S. Educação Escolar, Sexualidade e Adolescência: Uma Revisão Sistemática. **Journal of Health Sciences**, v. 20, n. 3, p. 221-230, 2018.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A.; PERNAMBUCO, M. M. **Ensino de Ciências: Fundamentos e Métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.

FIGUEIRÓ, M. Sexualidade e Afetividade: implicações no processo de formação do educando. In: **Educação Sexual: em busca de mudanças**. Londrina. UEL, 2009.

_____. Educação sexual: como ensinar no espaço da escola. **Revista Linhas**, v.7, n.1, p.1-21, 2006a.

_____. **Formação de Educadores Sexuais: Adiar não é mais possível**. Londrina: Campinas-Mercado de Letras, 2006b.

_____. Educação Sexual: como ensinar no espaço da escola. In: **Educação Sexual: múltiplos Temas, compromissos comuns**. Londrina: Eduel. 2009.

_____. **Educação sexual no dia a dia**. Londrina: Eduel, 2013.

FOUCAULT, M. História da sexualidade. A vontade de saber. In: **História da sexualidade. A vontade de saber**, 1985.

_____. **História da Sexualidade II: O uso dos prazeres**. Paz e Terra, São Paulo. 2014.

- FRANÇA, L. Educação Sexual no currículo da escola do ensino fundamental: desafio para o professor. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 4, 2006, Curitiba. **Anais do IV EDUCERE**, 2006.
- FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Tradução de Paulo Dias Corrêa. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- GIDDENS, A. **Transformações da Intimidade**: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. Oeiras: Celta Editora, 1995.
- GREENBERG, J. S.; BRUESS, C. E.; MULLEN, K. D. **Sexuality Insight and Issues**. Bown & Benchmark Publishers. United States of America, 1992.
- GUIMARÃES, I. **Educação sexual na escola**: Mito ou realidade (Coleções Dimensões da Sexualidade). Campinas: Mercado das Letras, 1995.
- GUIMARÃES, A. M. A. N.; VIEIRA, M. J.; PALMEIRA, J. A. Informações dos adolescentes sobre métodos anticoncepcionais. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, v.11, n.3. 2003.
- HERCOWITZ, A. Gravidez na adolescência. **Pediatria moderna**, v. 38, n. 8, p. 392-5, 2002.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONOMICA E APLICADA – IPEA, **Gravidez na adolescência**. Disponível em:< :
<http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=1091:catid=28&Itemid=23>. Acesso em: 27 mar.2019.
- LEÃO, A. M. C. **Estudo Analítico-descritivo do curso de Pedagogia Da Unesp De Araraquara quanto à inserção das temáticas de sexualidade e orientação sexual na formação de seus alunos**. 2009. Tese (Doutorado em educação), Universidade Estadual de São Paulo, Araraquara, 2009.
- LOURO, G. L. O gênero na docência. In: **Gênero, Sexualidade e Educação – Uma Perspectiva Pós-estruturalista**. Petrópolis:Vozes, 2016.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2014.
- MAGALHÃES, C. **Dinâmicas de grupo sobre sexualidade**: atividades para trabalhar com adolescentes. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.
- MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Educação sexual: princípios para ação. **Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, v. 15, n. 1, p. 75-84, 2011.
- _____. **Orientação Sexual**. Plano Municipal de Educação de Bauru. Bauru, São Paulo, Brasil. 2012.
- MAISTRO, V. I. A. O. O contexto escolar como um lugar de construção e de reflexão sobre a sexualidade. In: IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE/III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, 2009. Disponível em:
<http://www.ucpr.br/eventos/educere2009/anais/pdf/1884_1033.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2018.

MANSUR, M. E. V. **Diversidade Sexual no espaço escolar sob o olhar de Michel Foucault.** 2012, Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

MARCONDES, M. E. R.; SILVA, E. L.; TORRALBO, D.; AKAHOSHI, L. H.; CARMO, M. P. SUART, R. C; MARTORANO, S. A.; SOUZA, F. L. **Oficinas temáticas no Ensino Público visando à formação continuada de professores.** Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, São Paulo, 2007.

MEINARDI, E.; REVEL, A.; GODOY, E.; IGLESIAS, M.; VIDA, I. R.; PLAZA, M. V.; BONAN, L. Educación para la salud sexual en la formación de profesores en Argentina. **Ciência & Educação**, v. 14, n. 2, p. 181-195, 2008.

MORTIMER, E. F. L. **Construtivismo, mudança conceitual e ensino de Ciências:** para onde vamos? **Investigações em ensino de Ciências**, v.1, n.1, 1996. Disponível em: <http://www.if.ufrgs.br/public/ensino/N1/0indice.htm>. Acesso em: 02 outubro. 2018.

NARDI, H; QUARTIERO, E. Educando para a diversidade: desafiando a moral sexual e construindo estratégias de combate à discriminação no cotidiano escola. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 11, p. 59-87. 2012.

NICOLLI, A. A. **Educação da sexualidade para o século XXI:** Concepções, proposições e ações escolares. Santa Catarina: Imprimax, 2001.

NOGUEIRA, N. S.; ZOCCA, A. R.; MUZZETTI, L. R.; RIBEIRO, P. R. M. Educação sexual no contexto escolar: as estratégias utilizadas em sala de aula pelos educadores. **Holos**, v. 3, p. 319-327, 2016.

NUNES, C. **História, Sexualidade e Educação: as relações entre os pressupostos ético-sociais e histórico-culturais presente nas abordagens institucionais sobre a educação sexual escolar.** Tese (Doutorado em Educação), Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1996.

RAMOS, R. **Representaciones sociales de docentes de una escuela media acerca de la sexualidad y de la educación sexual: estudio de caso .**2007. 122p. Tesis (Maestría en Salud Mental) - Facultad de Trabajo Social, Universidad Nacional de Entre Ríos, Argentina, 2007.

REIS, M. H.; VILAR, D. A implementação da educação sexual na escola: Atitudes dos professores. **Análise Psicológica**, v.22, n.4, p.737-745. 2004.

REIS, G. V. dos; RIBEIRO, P. R. M. Sexualidade e educação escolar: algumas reflexões sobre orientação sexual na escola. In.: BORTOLOZZI, A. C.; MAIA, A. F. (Org). **Sexualidade e infância.** Bauru: FC/CECEMCA; Brasília: MEC/SEF, 2005, p.35-42.

RENOLD, E. 'Coming out': Gender, (hetero) sexuality and the primary school. **Gender and education**, v. 12, n. 3, p. 309-326, 2000.

RENOLD, E. 'If You Don't Kiss Me, You're Dumped': Boys, boyfriends and heterosexualised masculinities in the primary school. **Educational review**, v. 55, n. 2, p. 179-194, 2003.

ROCHA, C. M. R.; FERRIARI, M. G. C.; SOUZA, M. S. S. Acompanhamento da adolescente na escola - projeto Adolescer. In: **Adolescer**: compreender, atuar, acolher. Projeto Acolher. Brasília: Ministério da Saúde / ABEn, p. 48-58, 2001.

ROQUE, O. **Semiótica da cegonha**: Jovens, sexualidade e gravidez não desejada. Associação para o Planeamento da Família. Lisboa. 2001.

SANTOS, D. B. C.; ARAUJO, D. C. **Sexualidade e Gêneros**: Questões Introdutórias. Paraná, Secretaria de Estado da Educação. Departamento da Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. Sexualidade. Curitiba: SEED, 2009.

SAITO, M. I. **Adolescência, cultura, vulnerabilidade e risco**. A prevenção em questão. Adolescência, prevenção e risco. 2. ed. São Paulo: Editora Atheneu, 2008.

SILVA, C. Possibilidades e limitações da escola pública como agente de educação sexual. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 8, n. 2, 1997.

SILVA, E. L. **Contextualização no Ensino de Química: Ideias e proposições de um grupo de professores sobre ensino contextualizado**. 2007. 144p. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SILVA, M. P.; CARVALHO, W. L. P. O desenvolvimento do conhecimento pedagógico do conteúdo de sexualidade na vivência das professoras. *Ciência & Educação*, v. 11, n. 1, 2005.

SPRINTHALL, A. N., COLLINS, W. A. **Psicologia do adolescente**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1994.

SUPLICY, M.; EGYPTO, A. C., CASTELO BRANCO, C. D. S., GONÇALVES, E. M. V., MENOCCI, D. T., SILVA, R. C. **Sexo se aprende na escola**. São Paulo: Olho d'Água, 1999.

UNAIDS. **HIV and AIDS estimates** (2017). Disponível em: <<http://www.unaids.org>>. Acesso em: 23 out. 2018.

VAZ, J. M. Sexualidade e História. In: **A Sexologia – Perspectiva multidisciplinar II**, Coimbra: Quarteto Editora, 2003.

VIANNA, C.; UNBEHAUM, S. “Gênero na Educação Básica: quem se importa? Uma análise de documentos de Políticas Públicas no Brasil”. **Educação & Sociedade, Campinas**, v.27, n.95, p. 407-428, 2006.

VILAR, D. Questões Actuais sobre a Educação Sexual num Contexto de Mudança. In: **Sexologia: Perspectiva multidisciplinar II**, Coimbra: Quarteto Editora, 2003.

VILELA, M. H. Educação Sexual para jovens: o que as escolas devem ensinar. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/03/educacaosexual-para-jovens-o-que-as-escolas-devem-ensinar.html>>. Acesso em: 27 set. 2018.

VILLELA, W. V.; DIAZ, J. Num país tropical, do sexo que se faz ao do qual se fala. In: **Saúde em Debate**. Hucitec. p. 310-23. 1999.

WELLER, W.; PFAFF, N. **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.

WEREBE, M. J. G. **Sexualidade, política e educação**. Campinas: Autores Associados, 1998.

WORLD HEALTH ORGANIZATION: **Defining sexual health**: report of a technical consultation on sexual health, 28-31 January 2002, Geneva. World Health Organization, 2006. Disponível em:< https://www.who.int/reproductivehealth/publications/sexual_health/defining_sexual_health.pdf>. Acesso em: 28 mar.2019.

_____. **Global health sector strategy on sexually transmitted infections 2016-2021: Towards ending STIs**. Geneva, World Health Organization, 2016. Disponível em:< <https://www.who.int/reproductivehealth/publications/rtis/ghss-stis/en/>>. Acesso em: 28 mar.2019.

WOLAK, J.; FINKELHOR, D.; MITCHELL, K. J. How often are teens arrested for sexting? Data from a national sample of police cases. **Pediatrics**, v. 129, n. 1, p. 4-12, 2012.

YUS, R. **Temas transversais: em busca de uma nova escola**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

ANEXO I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**(Professor)**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**(professor)**

Eu,.....professor (a) do.....ano do ensino fundamental, concordo livremente em participar das atividades de pesquisa que serão desenvolvidas no ambiente acadêmico, sob a orientação da Profa. Dra. Francisca Estela de Lima Freitas e pela Mestranda Samia Raquel da Silva Viana.

Declaro estar ciente de que o material produzido, por ocasião das atividades de pesquisa, deverá ser liberados por mim, estando ciente de que o mesmo será utilizado para publicações científicas na área de Educação em Ciências e em eventos de natureza acadêmica, sendo a mim garantido o sigilo de identidade.

Reconheço que estou sendo adequadamente informado (a) e esclarecido (a) sobre os procedimentos que serão utilizados no decorrer desse estudo, bem como sobre os riscos e desconfortos, confidencialidade da pesquisa, concordando em participar e, estando ciente de que não poderei requerer qualquer ônus pela participação e/ou liberação de materiais produzidos.

Declaro ainda que me foi garantido o direito de retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isso resulte em qualquer penalidade.

Por fim, declaro ter recebido uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (páginas 1 e 2 desse documento).

Rio Branco, _____ de 2018.

 ASSINATURA
ANEXO II - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Gestor)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
 PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Gestor)

Eu,gestor da escola.....
, concordo livremente em participar das atividades de pesquisa que serão desenvolvidas no ambiente acadêmico, sob a orientação da Profa. Dra. Francisca Estela de Lima Freitas e pela Mestranda Samia Raquel da Silva Viana. Declaro estar ciente de que o material produzido, por ocasião das atividades de pesquisa, deverá ser liberado por mim, estando ciente de que o mesmo será utilizado para publicações científicas na área de Educação em Ciências e em eventos de natureza acadêmica, sendo a mim garantido o sigilo de identidade.

Reconheço que estou sendo adequadamente informado (a) e esclarecido (a) sobre os procedimentos que serão utilizados no decorrer desse estudo, bem como sobre os riscos e desconfortos, confidencialidade da pesquisa, concordando em participar e, estando ciente de que não poderei requerer qualquer ônus pela participação e/ou liberação de materiais produzidos.

Declaro ainda que me foi garantido o direito de retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isso resulte em qualquer penalidade.

Por fim, declaro ter recebido uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (páginas 1 e 2 desse documento).

Rio Branco-AC, _____ de 2018.

Assinatura

ANEXO III - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO TCLE PARA PESQUISA COM FINALIDADE DE TITULAÇÃO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE PROJETO: AVALIAÇÃO DO APRENDIZADO EM EDUCAÇÃO PARA SEXUALIDADE ENTRE ADOLESCENTES DO OITAVO ANO NUMA ESCOLA PERIFÉRICA DO MUNICÍPIO DE RIO BRANCO – ACRE

1. Apresentação

A pesquisa **“Avaliação do aprendizado em educação para sexualidade entre adolescentes do oitavo ano numa escola periférica do município de Rio Branco – Acre”**, tem por objetivo abordar a sexualidade em suas diversas dimensões e avaliar as oficinas de educação para a sexualidade desenvolvidas com os alunos através da participação e adesão destes e ainda por meio de aplicação de questionário prévio (pré-teste) e após as aulas teórico-prática o mesmo questionário (pós teste). A população alvo é constituída por alunos de ambos os sexos do 8º ano da Escola Serafim da Silva Salgado, pertencente a Rede Estadual de Educação situado no município de Rio Branco, Estado do Acre. Trata-se de uma pesquisa em nível de Dissertação de Mestrado, realizado pela pesquisadora Samia Raquel da Silva Viana sob orientação da Profa. Dra. Francisca Estela de Lima Freitas.

2. Esclarecimento

Esclarecemos que a participação do (a) aluno (a), sob sua responsabilidade, na pesquisa **“Proposta pedagógica para abordar Educação para Sexualidade na Interdisciplinaridade”**, consiste em participar de aulas teórico-prática e oficinas e responder questionário pós aula teórico-prática sobre a educação para sexualidade.

A participação do (a) aluno (a), sob sua responsabilidade, é voluntária podendo desistir a qualquer momento, não havendo custos materiais ou financeiros para você ou para o (a) aluno (a), bem como não haverá remuneração pela participação do (a) aluno (a). Você tem garantia de plena liberdade de consentir que o (a) aluno (a) sob sua responsabilidade participe da pesquisa, bem como o (a) próprio (a) aluno (a) terá a garantia de plena liberdade de participar ou não após o seu consentimento. Você poderá recusar-se a consentir que o (a) aluno (a) sob sua responsabilidade ou de retirar seu consentimento em qualquer momento da realização da pesquisa, sem ter que justificar sua desistência e sem que você ou o (a) aluno (a) sob sua responsabilidade sofram quaisquer tipos de coação ou penalidade por parte de seu professor e/ou dos pesquisadores.

Garantimos manter o mais amplo, absoluto e irrestrito sigilo profissional sobre a identidade do (a) aluno (a), durante e após o término da pesquisa. Desse modo, a identidade pessoal do (a) aluno (a) será excluída de todos e quaisquer produtos da pesquisa são para fins de publicação científica.

Os possíveis benefícios que o (a) aluno (a), sob sua responsabilidade, terá com a pesquisa são que, ao participar de oficinas e aulas sobre educação para sexualidade ele desenvolva aprendizagens significativas sobre sexualidade e a sua relação com os conteúdos curriculares ofertadas na escola.

Esclarecemos que os dados coletados por meio do questionário serão utilizados única e exclusivamente para produção do Relatório de Pesquisa e seus resultados serão publicados em meios de comunicação científica, tais como eventos científicos, livro e/ou revista acadêmica, sempre resguardando sua identidade.

Você receberá uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual terá duas páginas que deverá ser rubricada na primeira página pela pesquisadora responsável e por você e a última página será assinada pela pesquisadora responsável e por você.

Para maiores informações e esclarecimentos sobre a pesquisa e/ou seus procedimentos, você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável Samia Raquel da Silva Viana, pelo telefone nº (68) 99949-1102 e e-mail samviana@hotmail.com.

Por fim, eu, Samia Raquel da Silva Viana, pesquisadora responsável, declaro cumprir todas as exigências éticas contidas nos itens IV. 3, da Resolução CNS Nº 466/2012, durante e após a realização da pesquisa.

3. Consentimento

Eu, _____, RG Nº _____, CPF Nº _____, responsável pelo(a) aluno(a) _____

declaro que: (a) li e compreendi o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); (b) que a participação do (a) aluno (a) sob minha responsabilidade, na pesquisa “Proposta pedagógica para abordar Educação para Sexualidade na Interdisciplinaridade”, é livre e espontânea; (c) eu e o (a) aluno (a) sob minha responsabilidade não termos nenhum custo e nem seremos remunerados pela participação do (a) aluno (a); (d) posso retirar o consentimento para o(a) aluno(a) sob minha responsabilidade desistir a qualquer momento como participante da pesquisa, sem ter que justificar minha desistência e nem eu e o (a) aluno (a) sob minha responsabilidade sofrer qualquer tipo de coação ou punição.

Diante do exposto, aponho minha rubrica nas duas primeiras páginas do TCLE e minha assinatura abaixo, como prova do meu Consentimento Livre e Esclarecido em permitir que o (a) aluno (a) sob minha responsabilidade participe da pesquisa.

Rio Branco - Acre, _____ de maio de 2018.

Participante da Pesquisa

Samia Raquel da Silva Viana

Pesquisadora Responsável

ANEXO IV – QUESTIONÁRIO ESTRUTURADO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
Pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação
Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática

Série: _____ Turma: _____ Nº: _____ Gênero: () Fem. () Masc. Idade: _____

AVALIAÇÃO PRÉ E PÓS TESTE

1. Sobre sexualidade, marque quantas alternativas julgar correta (s):

- a) Transformações que ocorrem no corpo a partir da puberdade.
- b) É o ato de fazer sexo.
- c) Manifestação de carinho.
- d) Conquistar a profissão dos sonhos.
- e) Forma de se relacionar com as pessoas.
- f) Métodos contraceptivos e infecções sexualmente transmissíveis.
- g) É uma energia que nos motiva a procurar amor, contato, afeto, intimidade, que se integra no modo como sentimos, movemos, tocamos e somos tocados.
- h) Sensações de prazer do corpo, ao tomar um banho de piscina, fazer atividades físicas, comer sua sobremesa favorita e ainda assistir a um bom filme.

1.2) Agora que você vivenciou experiências sobre educar para sexualidade, defina com suas palavras o que você entende por sexualidade: **(questão aplicada apenas no pós teste).**

2. A quem você recorre quando tem dúvidas em relação a sexo e sexualidade?

Obs: Entre os itens escolhidos, acrescente nos parênteses, 1 para o mais importante, 2 para o segundo mais importante e assim sucessivamente, de acordo com o grau de importância de cada um.

- () Ambos os pais () Mãe () Pai () Amigos
 () Irmãos () Outros familiares Quem? _____
 () Namorado (a) () Professores () Internet () Livros
 () Revistas () Tv () Profissional de saúde: médico ou enfermeiro da família.

3. Identifique com (M) para o sexo masculino (F) para o sexo feminino e (A) para ambos, as seguintes sentenças de acordo com o gênero que ela corresponda:

- () Estrógeno () ovócito () testículo () sêmen
 () Progesterona () espermatozoide () mama () ejaculação
 () Testosterona () ovário () orgasmo () prazer

4. A escola oferece educação para a sexualidade?

- () Sim () Não

5. Se você respondeu sim à questão anterior como você classificaria a educação para sexualidade ofertada pela escola?

- c) Ruim
d) Regular

- c) Boa
d) Muito boa

6. Qual disciplina curricular ofereceu ou oferece educação para sexualidade?

R: _____

7. Concordo/Não Concordo

	Concordo	Não concordo
Sexualidade é sinônimo de relação sexual.		
A sexualidade inicia-se na adolescência e termina na terceira idade.		
A puberdade inicia-se sempre aos dez anos.		
Aos treze anos todos os jovens, por sexo, têm os caracteres sexuais secundários igualmente desenvolvidos.		
A puberdade inicia-se, geralmente, mais cedo nas meninas.		
O ato sexual dos indivíduos é apenas uma das manifestações da sexualidade.		
A cultura e a religião das pessoas influenciam a sua sexualidade.		
Os indivíduos do sexo masculino vivem a sexualidade de forma diferente dos indivíduos do sexo feminino.		

8. Verdadeiro ou Falso?

	Verdadeiro	Falso
A partir da puberdade a higiene deverá ser feita com mais regularidade.		
As diferenças corporais são as únicas diferenças que existem entre rapazes e moças.		
Uma menina menstruada não deve lavar a cabeça.		
O ciclo menstrual é o período que decorre entre o 1º dia de uma menstruação e o 1º dia da menstruação seguinte		
Uma menina com 13 anos, a quem ainda não veio a menstruação, não corre o risco de engravidar se tiver uma relação sexual não protegida		
O tamanho do pênis é importante para a relação sexual		
Uma menina pode engravidar se tiver relações sexuais desprotegidas durante a menstruação.		
A menstruação consiste numa hemorragia resultante da descamação da parede		

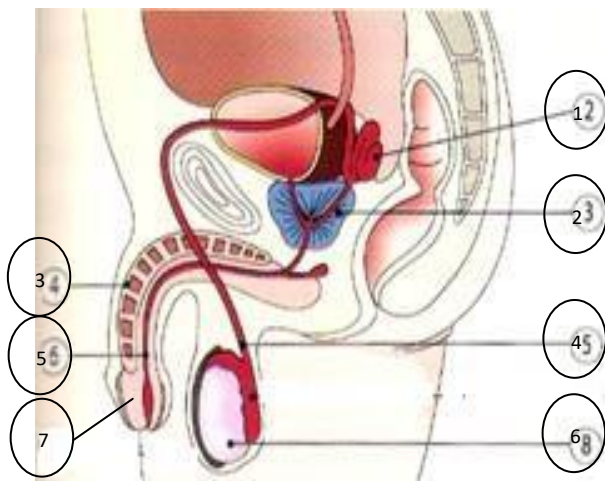
interna do útero (endométrio).		
Os óvulos são produzidos nos ovários desde a puberdade até à morte.		
A mulher depois da menopausa não pode engravidar.		
Os espermatozoides são os gametas masculinos.		
Os espermatozoides são produzidos nos testículos desde o nascimento até à morte.		
O encontro entre o espermatozoide e o óvulo (fecundação) dá-se no útero.		
Um dos primeiros sinais de que se está grávida é a ausência da menstruação.		
Durante a gravidez a mulher continua a ovular		

9. Verdadeiro ou Falso?

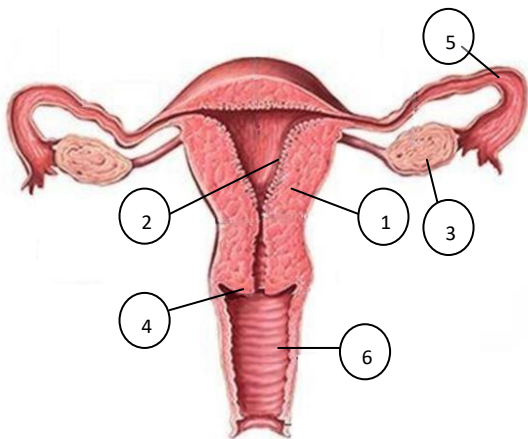
	V	F
As IST's (infecções sexualmente transmissíveis) são infecções transmitidas unicamente por contato sexual.		
Quem tem boas companhias não tem que se preocupar com as IST's.		
O preservativo (camisinha), quando usado corretamente, protege das IST's e previne a gravidez.		
A pílula anticoncepcional deve ser iniciada no 1º dia da menstruação.		
A pílula tem efeito contraceptivo a partir do 1º mês em que se começa a tomar.		
Situações de vômitos e/ou diarreia nas 3 horas a seguir à ingestão habitual da pílula, diminui a eficácia contraceptiva da pílula.		
Quando a mulher toma a pílula, o homem não precisa de usar o preservativo.		
Atualmente, a relação sexual não protegida não é problemática uma vez que se pode recorrer, sempre que necessário, à contracepção de emergência (pílula do dia seguinte).		
A contracepção de emergência só pode ser feita até 48h após a relação sexual desprotegida.		
O preservativo é um método contraceptivo só disponível para homens.		
O espermicida é um método contraceptivo tão eficaz quanto o preservativo.		
A mulher que pretende iniciar a vida sexual, como contracepção, pode tomar a pílula contraceptiva indicada por uma amiga.		
A aparência da pessoa diz-nos se ela é ou não portadora de uma IST's.		

O preservativo deve ser retirado com o pênis ainda ereto, logo após o orgasmo.		
Na primeira relação sexual desprotegida não há risco de engravidar.		
O uso de dois preservativos protege mais que um.		
O preservativo deve ser colocado assim que o pênis estiver ereto e antes de qualquer contato sexual.		

10. Observe os esquemas e faça a correspondência entre o número da figura a cada termo.



- Testículo
- Pênis
- Epidídimo
- Uretra
- Próstata
- Canal deferente
- Glândulas seminais
- Glande



- Útero
- Ovário
- Colo do útero
- Endométrio
- Tubas uterinas
- Canal Vaginal

APÊNDICE – IMAGENS DAS ATIVIDADES COM OS GRUPOS DE ALUNOS

